

cadernos de

TC



Arquitetura Social

Ser(tão) Kalunga

Intervenções no território quilombola Engenho II

83

Cadernos de TC 2020-1

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, M. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Pedro Henrique Máximo Pereira, Dr. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Detalhamento de Maquete

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Rodrigo Santana Alves

Simone Buiate Brandão, M. arq.

Secretária do Curso, M. arq.

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2020/1, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final.

A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Pedro Henrique Máximo Pereira, Dr. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.



Ser(tão) Kalunga: Intervenções no território quilombola Engenho II

Salve, salve! O conteúdo apresentado a partir de agora diz respeito ao retrato de um povo, que por quase 300 anos viveram escondidos por entre os vãos e serras do velho cerrado, estes, recém fugidos da escravidão, no meio da mata encontraram abrigo, e assim ficaram invisíveis para o mundo de fora, mas não mais.

Lhes apresento adiante, a história do povo Kalunga, e adiante o projeto de Arquitetura e Urbanismo proposto para a comunidade Engenho II, situada em Cavalcante-GO, buscando a partir do projeto atender os diferentes desafios enfrentados pelos quilombolas no contexto atual.



Cássia Dias Roriz

Orientador: Pedro Máximo

Contato: cassiaroriz@outlook.com



SER(TÃO) KALUNGA



LEGENDAS:
[f.1] Povos tradicionais
Fonte: Produção
autoral, 2020

A INVISIBILIDADE DOS POVOS TRADICIONAIS

O povo africano representa no contexto brasileiro, umas das pilas de estruturação e formação das riquezas do país, e ainda assim o interesse científico em investigar o africano e seus descendentes foi tardio, já que enquanto naturalistas em investigações se dirigiam a observar os indígenas, o povo negro eram apenas objeto distante de observação. Todo esse longo processo motivou a invisibilização dos povos vindos da África. Nos séculos passados, a invisibilidade das comunidades quilombolas os beneficiava e era um modo de luta e fuga do sistema escravocrata, mas hoje, os territórios quilombolas estão alheios aos direitos básicos de infraestrutura, saúde, educação e qualidade de vida.

Frente a tal indignação, este trabalho propõe a análise e pesquisa sobre o maior território quilombola do Brasil, o território do povo Kalunga, que há séculos vivem isolados entre serras e vãos no norte do estado de Goiás, na microrregião da Chapada dos Veadeiros. Pouco estudo há sobre esse povo, que hoje passa por uma série de transformações em seu modo de viver, devido as novas dinâmicas causadas pelo ecoturismo na localidade.

A concepção do projeto de Arquitetura e Urbanismo, foi estruturado a partir das necessidades específicas do usuário, a partir dos potenciais da região, logo, chega-se a distintos espaços implantados na extensão territorial, onde a intenção é fornecer o apoio e assistência que a comunidade carece nos quesitos de educação e saúde, e fortalecer a cultura local, promovendo uma interação com os turistas, a fim de fomentar a economia na comunidade Engenho II, local este, escolhido devido ao fato de ser o agrupamento quilombola Kalunga que está mais próximo de um centro urbano, tendo assim um fácil acesso.

Logo, este trabalho acima de tudo, propõe um debate urgente sobre humanidade e uma abordagem respeitosa e de apreço pelo povo Kalunga, honrando sua cultura e valores tradicionais, e entendendo que seu território é ainda hoje representa o palco de sua resistência, devendo assim ser tratado com cuidado e atenção.

DIREITO PRA QUEM?

A partir da Constituição de 1988 no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), foi conferido aos remanescentes quilombolas os direitos territoriais, sendo dever do Estado garantir-lhes titulação. Passados mais de 30 anos desde a promulgação das Constituições, o cenário quilombola hoje é frágil e excluído perante à um governo desconectado das realidades sociais e culturais do país.

Segundo dados do INCRA (Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária) de 2019, no Brasil hoje há um total de 2.715 territórios quilombolas, destes, somente 182(6,7%) possuem titulação das terras, e no momento todos os processos de concessão estão paralisados pelo Governo Federal. Ou seja, o direito que a Constituição trouxe anos atrás, hoje abarca uma pequena parcela das comunidades quilombolas.

Ao analisar a questão financeira referente a verba disponibilizada para o processo de garantia de terras, a situação se agrava. Em janeiro de 2019 quando sancionada a Lei Orçamentaria Anual (LOA) pelo presidente Jair Bolsonaro, que traça as diretrizes do orçamento público federal, percebemos com os cortes no orçamento que a dívida com os povos tradicionais está longe de ser quitada. O valor que é destinado a titulação de terras caiu cerca de 93% em 10 anos, já que em 2010 o orçamento chegou a cerca de R\$ 54 milhões, e já no ano passado (2019), o valor disponibilizado foi pouco mais de R\$ 3 milhões. Segunda uma pesquisa recente feita pela Organização Terra de Direitos, considerando o ritmo atual dos processos de titulação, serão necessários 1.170 anos para que todos os processos abertos sejam concluídos. Isto é, será necessário em torno de quatro vezes o tempo total de escravização dos negros no Brasil para que a dívida seja quitada, isso sem falar de tantos outros impactos sociais.

O direito ao território é a base para assegurar a sobrevivência dos remanescentes, sem território não há povo, não há cultura, não há reconhecimento de suas identidades, crenças e tradições. É fundamental colocar à luz essa discussão, para que quanto antes as estruturas políticas ajam em favor das comunidades, forças ancestrais que habitam nessas terras. Quando a terra está em ameaça, todo seu povo também está.

Reconhecimento quilombola já!

Nenhum quilombo a menos!



O BRASIL É QUILOMBOLA



Terras quilombolas no Brasil [f.2]

Fato é, que o Brasil enquanto nação foi construído por negros, apesar de que a história que nos é contada por visões tradicionais sempre buscaram exaltar a atuação europeia, apagando e negando toda a atuação indígena e preta, sendo estes povos hoje negados e marginalizados em uma sociedade ditada pelos preconceitos e pela mentalidade colonial.

Com a “descoberta” do Brasil pelos portugueses, é quase coexistente o deslocamento forçado do negro em solo brasileiro, exercendo o papel como força de trabalho, sob a tortura da escravidão. Mas diante desses fatos, é importante ressaltar e reafirmar a importância do negro desde os primórdios da história do Brasil. Como aponta Abdias do Nascimento em seu livro “O Genocídio do Negro Brasileiro” (1978), o negro foi a espinha dorsal na formação cultural, econômica e tecnologia do país, estes, foram as mãos e pés que estruturaram e viabilizaram este país. É necessário saudar e reconhecer o papel destes povos aqui, em uma nação construída em costas negras.

E em paralelo a história de exploração surgem os quilombos, como uma porta de saída do martírio da escravidão. Os quilombos surgiram em todo lugar onde se perpetuou a escravidão, onde houve escravidão, houve também fuga e resistência. Essa resistência se faz presente na forma como os espaços foram ocupados e hoje estão sendo retomados, é o passado que se reproduz diante a luta constante para não serem apagados da história.

O isolamento dos quilombos foi parte estratégica para garantia da segurança dado ao trauma causado pelo sistema escravocrata, mas este mesmo isolamento fez também com que esses grupos ficassem alheios e invisíveis ainda hoje ao “mundo externo”. Hoje devido a falta de informações e pesquisa sobre as comunidades quilombolas não é possível dizer com precisão, mas é estimado que atualmente, espalhados pelo território Brasileiro, existam cerca de 16 milhões de negros habitando em terras quilombolas, configurando quase 3 mil comunidades. E ainda assim, é surpreendente o quão negados e marginalizados são esses povos, prevalece na sociedade brasileira o mito da democracia racial, e os negros são vítimas de um sistema que sempre os viu como um obstáculo a ser superado. Mas aqui afirmo, o Brasil é quilombola, é resistência, e continuará ressoando a força e a essência dos negros no passado, no presente, e no futuro.

AVISEM QUE ESTAMOS CHEGANDO

Perante aos fatos até aqui apresentados, o debate dessa temática é preciso, urgente e necessário. O momento é adequado para o resgate da história de um povo, que por anos estiveram sob o trauma da escravidão, mas descortina-se no horizonte tempos de esperança. Me coloco aqui como porta-voz daqueles que não são ouvidos, e no lugar de fala da resistência, iniciaremos essa discussão afim de pensar um futuro onde os direitos quilombolas serão assegurados.

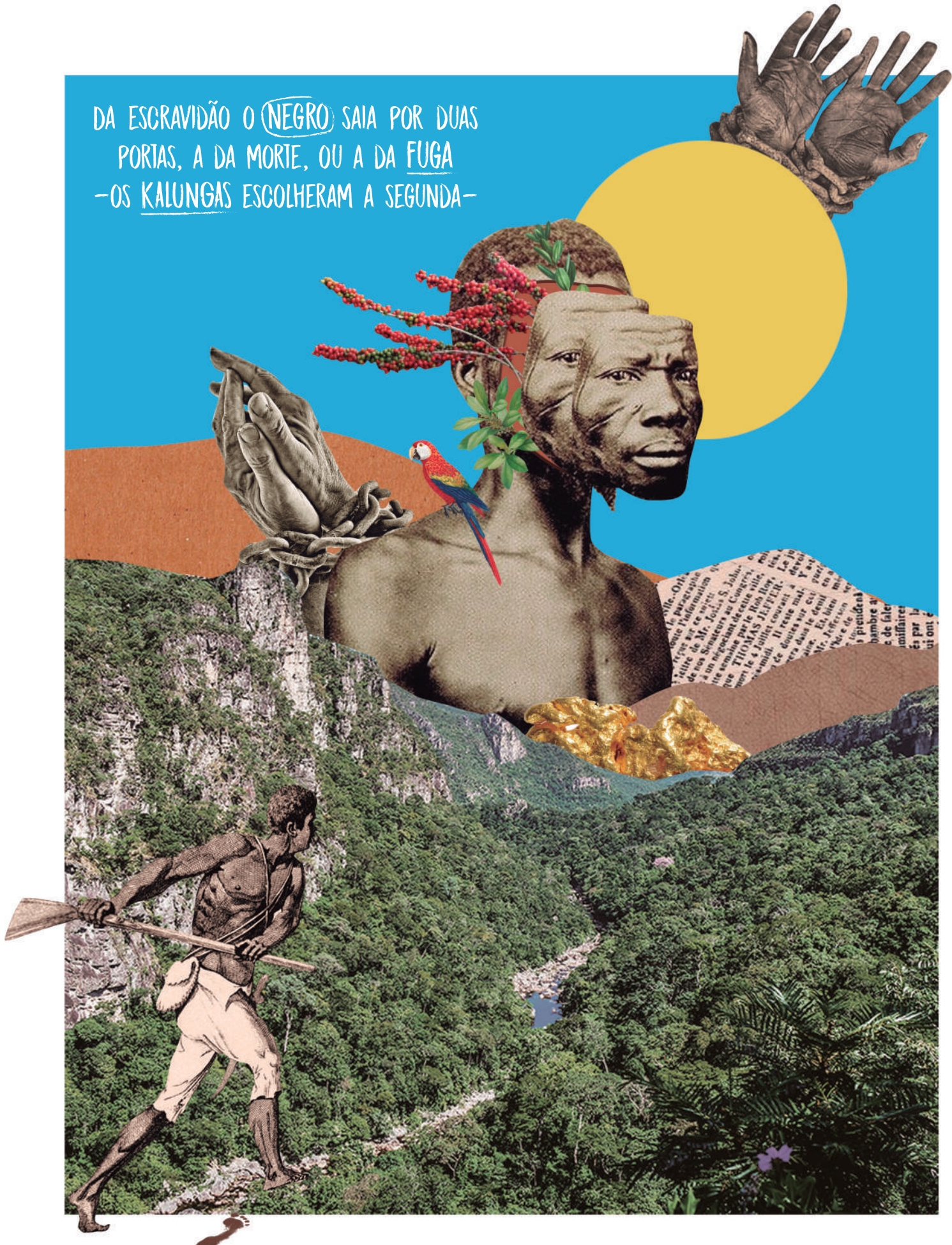
O trabalho a seguir apresentado foi estruturado da seguinte forma, daremos início com uma análise histórica da formação do quilombo Kalunga, e a seguir serão apresentados aspectos importantes de sua luta atual. Em seguida, prossegue-se o estudo com a análise do lugar, e seus aspectos naturais e de infraestrutura. E por fim, o projeto proposto, feito a partir dos estudos anteriores e das necessidades da comunidade.



[f.3]

LEGENDAS:
[f.2] Mapa de territórios quilombolas no Brasil
Fonte: Fundação Palmares, 2019
[f.3] Resistência quilombola
Fonte: Produção autoral, 2020

DA ESCRAVIDÃO O (NEGRO) SAIA POR DUAS
PORTAS, A DA MORTE, OU A DA FUGA
—OS KALUNGAS ESCOLHERAM A SEGUNDA—



ville. On
le paragra
à son séna
te renoué
que THOMAS JEFFERSON. Le jo
de deux mil. Y
era dans le dé
Mr. Jefferson
pénétré
bambre a
c de l'at
umifaire
és par la
ut ont é

UM CONTO KALUNGA

ÁFRICA LÁ E CÁ ←

A história do povo negro não começa e muito menos termina na escravidão. De maneira geral, quando se analisa a história do Brasil, o negro sempre aparece como mão de obra cativa, e proponho aqui pontuar o que o negro de fato representa, sendo este, uma das principais pilstras de estruturação e formação do saber e da riqueza da nação, o negro foi portando um criador.

Outro grande equívoco é dizer que povo negro "veio" ao Brasil, eles foram trazidos, e essa distinção introduz a principal característica do sistema escravocrata, que é a sujeição de um homem ao outro. E nesse contexto, o indivíduo escravo é feito propriedade do outro, podendo ser vendido, doado, emprestado e confiscado, ou seja, o escravo perde juntamente com sua liberdade, todos seus direitos.

Estima-se que os primeiros navios negreiros atracaram em portos brasileiros por volta de 1538. A travessia era feita diante condições

miseráveis e desumanas, e muitos não sobreviviam, vítimas de doenças, maus tratos e fome. Os que sobreviviam ao Atlântico, ao chegar na nova terra, eram separados de seu grupo linguístico para que não pudessem se comunicar, e a partir de agora seriam mão de obra.

Durante os ciclos mercantis do Brasil, vemos a figura do negro sempre presente, seja nos engenhos, nas lavouras ou nas minas. Esse sistema implantado no século XVII, se intensificou entre os anos 1700 e 1822 com o comércio lucrativo no tráfico negreiro, em decorrência de diversas lutas e revoltas abolicionistas, em 1888 é decretado o fim da escravidão, sendo o Brasil o último das américas a abolir esse sistema.

Mas lembre-se caro leitor, o que farei adiante é um recorte da história de um povo nativo do continente berço da raça humana, um povo nascido livre, em meio a riqueza cultural e intelectual, mas que em nome do sistema colonial escravocrata, foram submetidos há séculos ininterruptos de sujeição ao homem branco. E ainda hoje, como consequência de anos tendo seus direitos roubados, hoje, continuam reafirmado sua existência em cenário racista, que ainda pagou a dívida dos anos de opressão. Que fique claro, que a cobrança continuará sendo feita.

LEGENDAS:
[f.4] Africa lá e cá
Fonte: Produção
autoral, 2020



[f.4]

LEGENDAS:

[f.5] Mineração e
escravidão em Goiás

Fonte: Produção
autoral, 2020

[f.6] Mapa de localiza-
ção

Fonte: Produção
autoral, 2020

EM GOIÁS, A MINERAÇÃO OURO NO VELHO SERTÃO



[f.5]

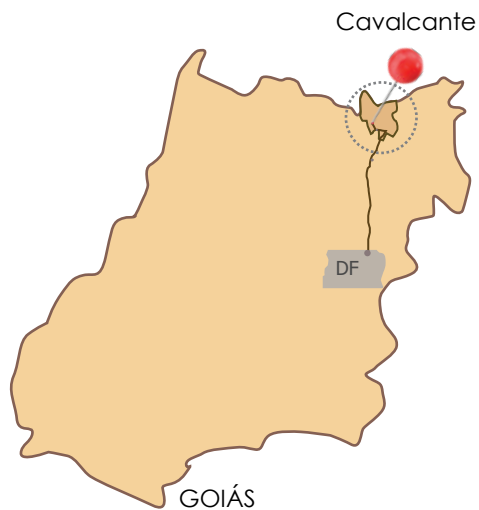
Compreendendo que a narrativa dos negros no Brasil deve ser contada paralela à história dos tempos de Brasil Colônia (1530-1822), é necessário fazer um recorte desse período, focando nos anos correspondentes ao Ciclo do Ouro. Este momento, diz respeito a descoberta do ouro nas regiões centrais do Brasil, onde a extração e a exportação do ouro dominaram a economia do sistema colonial.

A primeira expedição rumo ao sertão do centro país que encontrou ouro ocorreu em 1725, a partir de então com a descoberta das jazidas, inicia um processo de formação de vilas e povoados não indígenas na região central do país, e em seguida a exploração com os garimpos. O ciclo vigorou com força durante os primeiros 60 anos do século 18 altura a partir de então a produção de ouro começou a decair devido ao esgotamento progressivo desse metal. Dentro desse contexto, intensifica-se também o "comercio de almas", com os negros trazidos para trabalharem cativos nos garimpos. Goiás recebeu, durante o século 18 e posteriormente uma parte do século 19, um intenso fluxo de escravizados africanos, para ilustrar esse dado, Goiás foi a terceira localidade que mais recebeu escravos, atrás somente de Minas Gerais e Rio de Janeiro, respectivamente. Mostrando assim a proximidade entre África e Goiás nessa conjuntura colonial.

Durante o tempo em que Goiás estava sendo dominado pela febre do ouro, por volta de 1736, no norte do estado, na região onde hoje se situa o município de Cavalcante (ver fig.6), foram descobertas minas de ouro no córrego Lava Pés, e posteriormente por ali se fixaram os garimpos. Data-se que em 1794, instalou-se em Cavalcante a casa de Fundição de Ouro, uma das mais prósperas da época. Associado a isso, durante esse tempo cerca de 20.000 escravos de origem Africana, arduamente sofriam a subordinação do sistema escravista nos garimpos da região de Cavalcante, no velho cerrado da Chapada.

"Ali os escravos trabalhavam de sol a sol, cavoucando as grupiarras para tirar aqueles montões de cascalho que depois eles lavavam, nos regos que traziam a água dos rios e córregos, para separar o ouro. O trabalho era difícil e a vida dura. Porque, como era de costume, por qualquer pequena falta que o escravo cometia, lá estava o senhor para aplicar-lhe os castigos. Eram presos no tronco pelos pés e as mãos. Amarrados no pelourinho, apanhavam com o chicote molhado que lanhava suas costas. E a palmatória cantava, batendo em suas mãos."

(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001)



[f.6]

ATRÁS DA SERRA, O SILÊNCIO

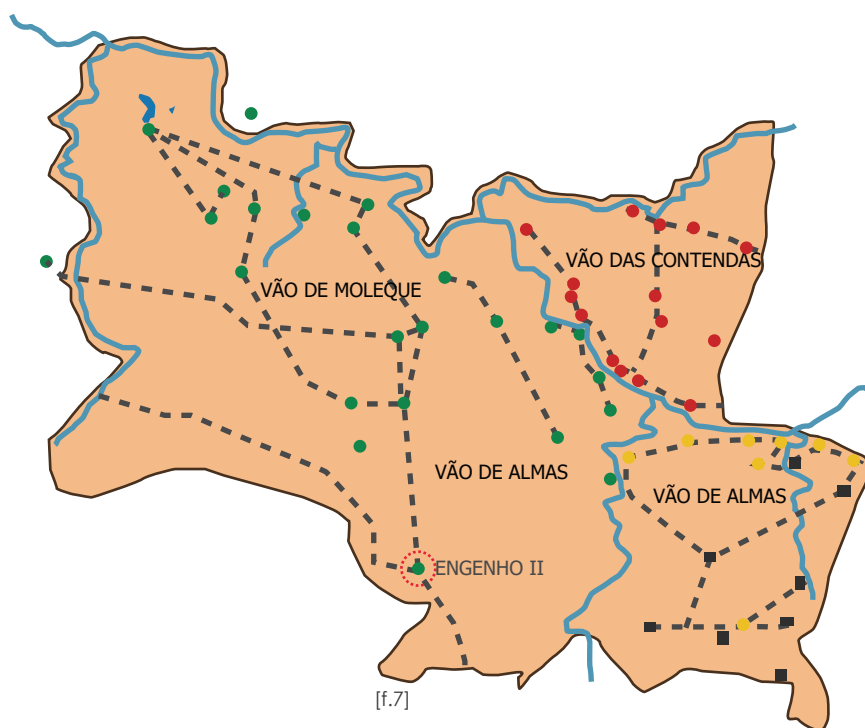
O negro então, na luta para sobreviver, começou a traçar planos de fuga no meio do mato que os cercava, porém muitos foram pegos pelos capitães, e açoites ainda piores sofreram.

“Os mais velhos ouviram até mesmo contar que, quando um escravo fugia e o senhor pegava de volta, costumava queimar os pés dele com gordura quente, para não poder mais fugir. Mas quem segura um escravo que sonha com a própria liberdade? Por isso os escravos, apesar dos castigos, continuavam tentando fugir.”

(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001)

Atrás da liberdade, o negro continuou fugindo, cada vez mais longe, cada vez mais alto, e cruzando caminhos encontrou uma possibilidade de proteção entre os vãos da Chapada dos Veadeiros, mas chegando nas novas terras, outros povos já habitavam a região, os indígenas. O começo do quilombo Kalunga é marcado pelo encontro e interação com os povos indígenas que viviam no planalto goiano, como os Xavante, Avá-Canoeiro, Karajá, Kaiapó entre outros, a primeiro momento houve um estranhamento e temor por ambos os lados, visto que os dois povos estavam fugindo da opressão, mas o resultado depois de um certo período foi uma confluência de saberes, os recém quilombolas, que agora construíam uma comunidade, aprenderam com os indígenas como sobreviver naquela região, como produzir para a subsistência, e como manusear as plantas do cerrado.

Aos poucos os indígenas foram se afastando a procura de outras terras para habitar, e o quilombo do povo Kalunga, passa a abrigar negros fugidos e alforriados que não tinham pra onde ir, visto que o processo de abolição no Brasil, deixou o “ex-escravo” a mercê, sem-terra, sem dinheiro e sem oportunidade. As comunidades do povo Kalunga foram se estendendo por ser serras seguindo o rio Paranã e seus afluentes, hoje são mais de 50 comunidades ocupando mais de 262 mil hectares de terras no cerrado, se configurando assim como a maior comunidade quilombola do Brasil em extensão territorial.



A LIBERDADE, O TRAUMA, O MEDO E A DESCOBERTA

A jornada do Kalunga foi marcada sobretudo pela invisibilidade, usada no início como uma ferramenta de sobrevivência, além disso o medo gerado pelo trauma dos anos de tortura e escravidão ainda reverberavam no imaginário do Kalunga, o que resultou em anos de reclusão do mundo externo. Foi somente na década de 1980, que a antropóloga Mari Baiocchi fez um extenso levantamento e estudo cultural sobre o povo Kalunga, e suas publicações colocaram o povo Kalunga no mapa, o que levou posteriormente ao reconhecimento da comunidade em 1991 pelo Governo do Estado de Goiás como sítio histórico e patrimônio cultural Kalunga. E a partir disso teve início também, ao processo de titulação das terras.

Desde então, nas últimas décadas as comunidades passaram por diversos processos de transformações, gerados principalmente pelo turismo ecológico, mas foi a comunidade Engenho II, que nos últimos 30 anos experimentou transformações em seu modo de habitar, na economia, e principalmente na interação com o mundo exterior, tudo isso devido ao ecoturismo na região. Hoje a comunidade Engenho II já alcançou benefícios como energia elétrica e água encanada, mas ainda não é suficiente, o povoado ainda carece em diversos setores.

- Comunidades no Vão de Moleque
- Comunidades no Vão das Contendas
- Comunidades no Vão de Almas
- Fazendas e espaços privados
- Estrada de chão

LEGENDAS:
[f.7] Mapa de localização das comunidades Kalunga
Fonte: Ministério da Educação, 2001

-O FUTURO É RESISTÊNCIA-
O PASSADO E O PRESENTE
TAMBÉM



NO PASSADO A ESCRAVIDÃO
NO PRESENTE A LIBERDADE
SOMOS QUILOMBALAS!

DE MARCAÇÃO
JÁ!

CHEGA DE CRUELDADE
QUEREMOS JUSTIÇA

LUTA E RESISTÊNCIA

É inegável o fato de que hoje a maior luta dos povos quilombolas é para libertar a terra que foi subjugada durante anos a um processo de desapropriação enraizado na estrutura fundiária existente no país, que desde sempre negou o acesso à terra aos negros. O racismo no Brasil é o peça estruturante das violências contra os quilombolas, seja por meio do racismo institucional que nega o direito à terra, seja o racismo epistêmico e econômico que julga o negro descartável e inferior, ou seja pela lógica do racismo ambiental, que coloca hoje comunidades quilombolas rurais em risco com a inserção de projetos que tornam esses locais vulneráveis.

É necessário expor aqui as violações de direitos humanos praticadas contra quilombolas no país, já que os últimos anos, se caracterizam como o período mais violento, sendo o ano de 2017 o marco de maiores

ocorrências, contabilizando 18 assassinatos à quilombolas. Porém, importante salientar que muitos casos de morte, sequer são registrados, e nesse processo a violência contra mulheres quilombolas são invisibilizadas e subnotificadas.

Segundo dados da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas) hoje cerca de 2 milhões de pessoas vivem em comunidades quilombolas, e dessas 75% vivem em situação de extrema pobreza, alheios a direitos básicos de infraestrutura, educação, saúde, e tantos outros. E com a atual diminuição orçamentaria nas políticas públicas, a tendência é que esse cenário será severamente impactado com os cortes.

Como dito no início, a urgência da situação quilombola, justifica a escolha do tema. A saída do negro no Brasil, pautado por uma ideologia de racismo, classicismo, e (neo)-colonialismo, sempre será a saída da luta, do conflito, e disputa. Mesmo com todas as forças atuando no sentido contrário, os quilombos continuarão resistindo, visto que para a senzala, ninguém voltará.

LEGENDAS:
[f.8] Liderança Kalunga
Fonte: Produção autoral

CIRILO DOS SANTOS

DONA DAINDA



LIDERANÇAS KALUNGA

[f.8]



"KALUNGA"

LUGAR SAGRADO, DE PROTEÇÃO

SAGRADA TERRA

DO TERRITÓRIO AO HABITANTE

LEGENDAS:
[f.9] Quilombola sertanejo
Fonte: Produção autoral, 2020

Na diáspora africana, o negro na nova terra, teve que reinventar sua cultura, e a simbologia dos significados e a cultura representa para os quilombolas um símbolo de conexão com os antepassados e o lugar de origem, e o sentimento de um dia retornar.

A palavra “Kalunga” na língua banto, significa “lugar sagrado de proteção”, porém o significado dessa palavra atinge um nível mais profundo quando analisado a partir da simbologia africana. Entre os povos do Congo e Angola, “kalunga” é usado para explicar crenças religiosas, e remete ao mundo dos ancestrais e a forma como veem o mundo.

“Para eles, o mundo era representado como uma grande roda cortada ao meio e em cada metade havia uma grande montanha. Numa metade da roda, o pico da montanha ficava virado para cima. Mas na outra metade a montanha estava invertida, de cabeça para baixo. De um lado da roda, a montanha de cima representava o mundo dos vivos. De outro, a montanha de ponta-cabeça representava o mundo dos mortos, terra dos ancestrais. As duas montanhas eram separadas por um grande rio que eles chamavam de kalunga. Por isso, para eles, kalunga era o nome desse lugar de passagem, por onde os homens podiam entrar em contato com a força de seus antepassados.”

(MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001).

Por esse viés, começamos a entender o sentimento que os escravos traziam na alma, depois de terem perdido liberdade. Mas na paisagem dos morros da Chapada dos Veadeiros, eles encontraram o sentido da palavra kalunga, quando avistaram o Rio Paranã, que separava o quilombo dos negros (vida), com a cidade dos brancos (morte). O rio representou para o negro o local de passagem para a esperança de vida, a planície entre os vãos cortada pelo rio, era então o lugar de proteção, que deu origem ao povo Kalunga.

Antes de adentrarmos as discussões sobre as análises do lugar, é necessário primeiro retomar os conceitos de território, para assim compreender as dinâmicas deste espaço. Em suas confrontações sobre o conceito de território, o geógrafo suíço Raffestin inspirado sobre os estudos sobre poder, diz que:

“É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço.”
(RAFFESTIN, 1993, p. 143)

Logo, compreendemos que o território é formado a partir do espaço e pela ação do homem através das ações de poder. Nesse sentido o autor ainda reforça que: “O território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço.” (RAFFESTIN, 1993, p.144), o território então como espaço físico, é construído pelas relações de poder, e os limites e fronteiras são projeções do trabalho humano.

É primordial que a compreensão do território envolva o processo histórico de cada lugar, e as relações sociais, visto que cada local possui suas características sociais e naturais específicas, além de se inserirem em uma sociedade, em um tempo e dentro de um espaço. O território apresenta a base para as relações entre o homem e natureza, além de ser fator vital na construção da identidade cultural de um povo.

Quando olhamos para relação entre quilombola Kalunga e seu território, entendemos que pra muito além de um espaço, o território faz parte da cosmovisão do grupo, assegurar o acesso ao território desses povos é manter vivo a cultura e a identidade desses povos. O território é a base para a produção e reprodução de saberes, é também a forma como o homem interage com o meio natural. Acima de tudo, estar abrigado por um território é ter o privilégio de “pertencer aquilo que nos pertence”. (SANTOS, 2001, p.19)



NOSSA TERRA

A comunidade Quilombola Kalunga está localizada no Brasil, na região nordeste do estado de Goiás. A área do Quilombo se estende pelos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás (ver fig.6), na região da Chapada dos Veadeiros. Os municípios ficam a uma altitude média de 800 metros do nível do mar, ultrapassando em alguns pontos os 1600 metros. Esta região também abriga o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, considerado patrimônio natural mundial protegido por lei (Área de Proteção Ambiental de Pouso Alto).

O Quilombo Kalunga é o maior quilombo do Brasil, estendido ao longo de 262.000 hectares e é constituído por 52 comunidades catalogadas até o presente momento. O quilombo Kalunga foi o maior e o mais importante da região do cerrado, no mar de serras e morros percorridos por caminhos estreitos tortuosos que se perdem do meio do mato, os kalungas encontram abrigo e ali se isolaram e recriaram seus modos de viver.

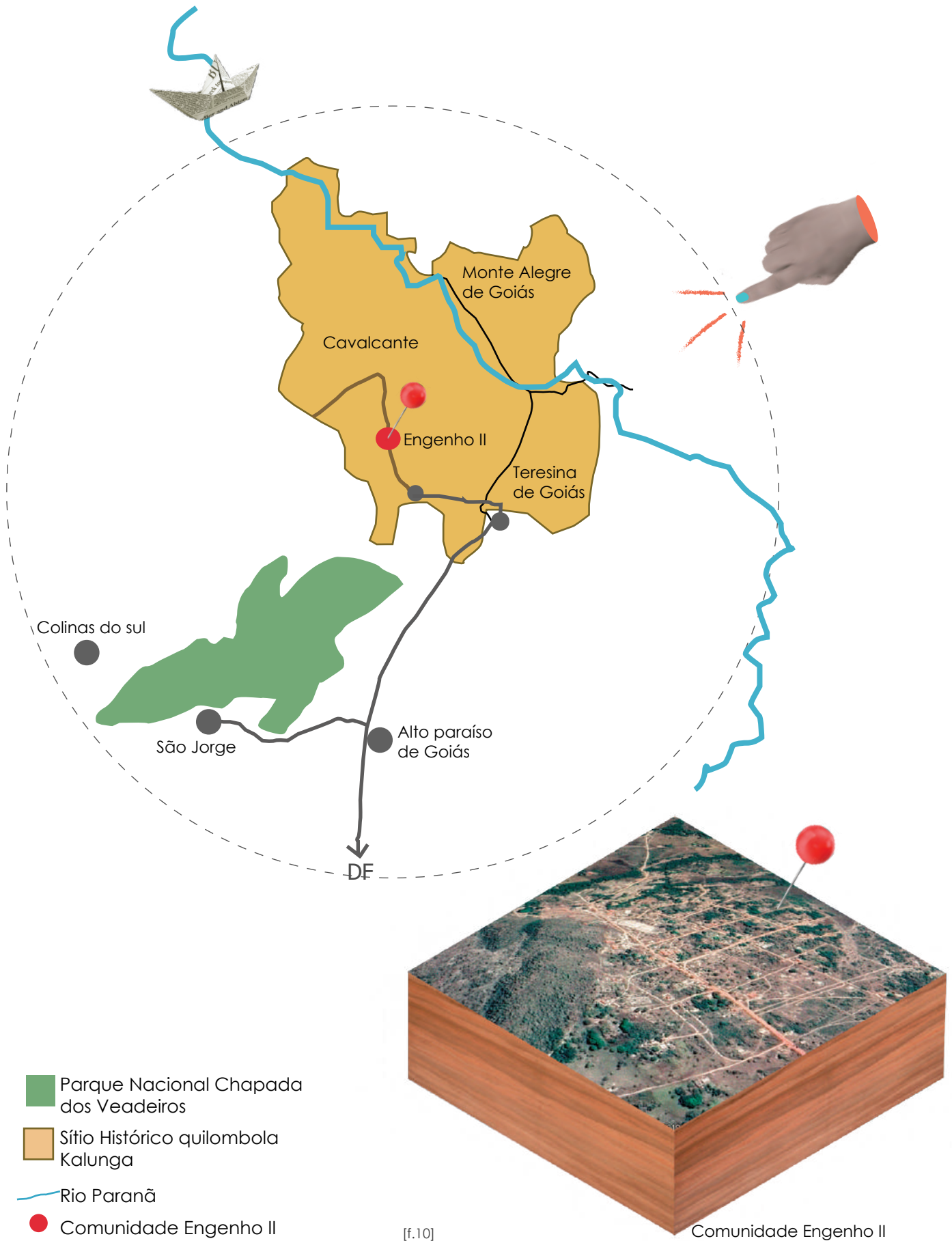
Os kalungas então passaram a criar uma rede de comunidades se estendo pelo Rio Paranã, e seus afluentes.

ENGENHO II

A comunidade Kalunga do Engenho II localiza-se a 27 km do centro urbano de Cavalcante. Em relação a população local, de acordo com o agente de saúde da comunidade, também Kalunga, o Engenho II possui 160 domicílios habitados por 768 moradores, sendo que o número de famílias em cada casa varia, podendo chegar a 8 em uma única residência.

A escolha da comunidade Engenho II se deu por alguns fatores, como, a facilidade do acesso, em relação aos outros vilarejos que ainda permanecem isolados no meio do cerrado entre vãos; e o potencial que a comunidade apresenta devido a popularidade do ecoturismo nos arredores do quilombo Engenho II. Foi levado em consideração o desejo dos moradores locais de serem vistos e terem sua história compartilhada com meio acadêmico, entendendo que hoje os quilombolas procuram ser conhecidos para que surjam pessoas dispostas a investir e trazer melhorias para a comunidade, assim afirma Cirilo dos Santos, líder do quilombo Engenho II.





LEGENDAS:
[f.10] Mapa aspectos naturais Engenho II
Fonte: Produção autoral, 2020

ASPECTOS NATURAIS

CLIMA

A região da comunidade Engenho II possui um clima semi-úmido, suas características se apresentam em duas estações distintas, uma de seca (maio a setembro) e outra chuvosa (outubro a abril). A temperatura média anual da região pode variar em 18° e 23°C, des-sa forma, as temperaturas mais elevadas ocorrem nos meses de setembro e outubro e podem atingir até 39°C.

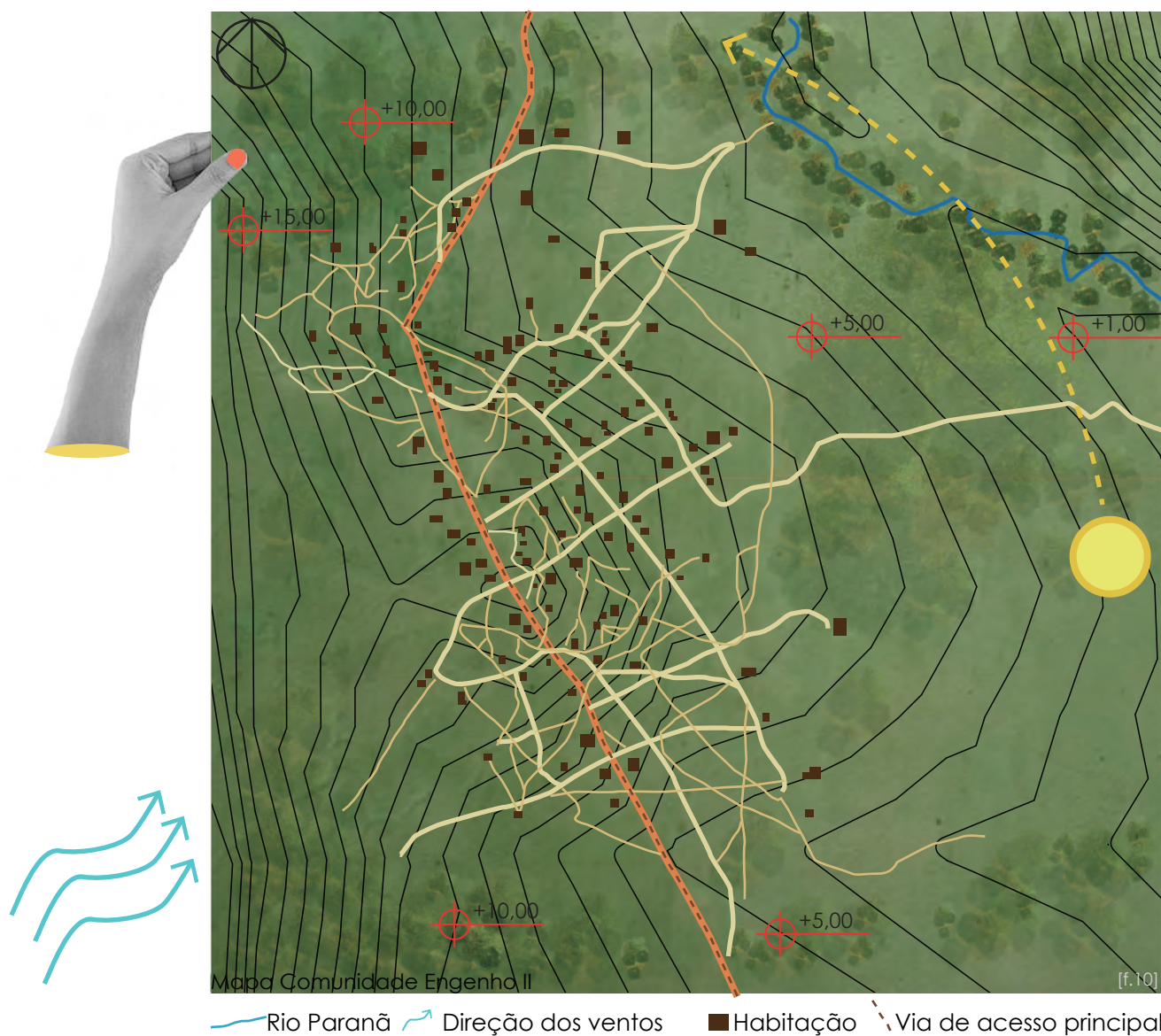
TOPOGRAFIA

A região da Chapada dos Veadeiros, onde está inserida a comunidade, é um dos pontos mais altos de Goiás, lá o relevo supera 1.200 metros de altitude, e no caminho para a comunidade é perceptível a

mudança de altitude enquanto subimos as serras por entre os paredões de pedra. É uma região cercada por montanhas e vales, mas na área urbana habitada da comunidade, a topografia é pouco acidentada.

Uma das características das comunidades Kalungas é a sua localização próxima a rios, algumas delas recebem o nome desses rios como por exemplo a comunidade Ribeirão dos Bois. Não diferente de Engenho II que apresenta o Rio Maquiné.

Ventos fortes e constantes não são uma característica geral do cerrado na região da comunidade. Normalmente a atmosfera é calma e o ar fica muitas vezes quase parado. Em alguns períodos do ano, como agosto por exemplo, podem ocorrer ventos mais fortes vindos do leste.



ASPECTOS NATURAIS

VEGETAÇÃO

A vegetação predominante na comunidade é a vegetação nativa do cerrado, marcada por extensas veredas de buritis (*Mauritia flexuosa*), matas ciliares e plantas típicas de campos de altitude como Cagaita (*Eugenia dysenterica*), canela-de-ema (*Vellozia squamata*), Lobeira ou Fruta-de-lobo (*Solanum lycocarpum*), Guaçatonga

(*Casearia sylvestris*), Pequi (*Caryocar brasiliense*), Jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*), Velame-branco (*Macrosiphonia velame*), Mama-cadela (*Brosimum gaudichaudii*), Indaiá (*Attalea dubia*), Araticum (*Annona crassiflora*), o barueiro, do precioso baru (*Dipteryx alata*), bromélias, orquídeas, dentre outras.

Toda a extensão da comunidade apresenta vegetação preservada, não só no entorno, mas também no interior das quadras, próximos as moradias.

LEGENDAS:
[f.11] Diagrama isométrico Engenho II
Fonte: Produção autoral, 2020



Barueiro - alt. até 25m



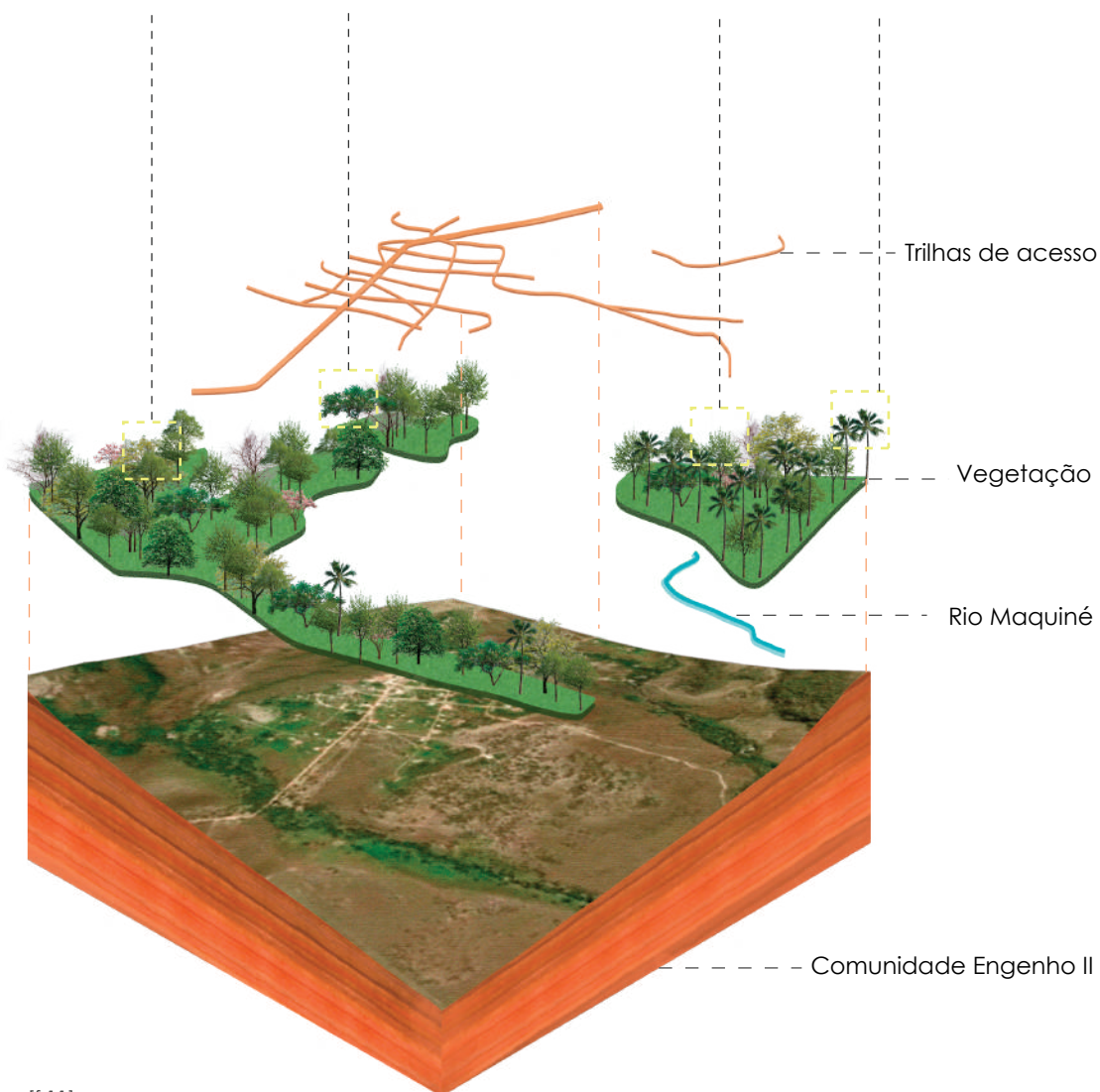
Jatobá - alt. até 40m



Pequi - altura até 12m



Buriti - altura até 35m



[f.11]

LEGENDas:

[f.12] Imagem comunidade Engenho II
Fonte: Jornal UFG, 2018
[f.13] Imagem comunidade Engenho II
Fonte: André Dib, 2018



Vista Aérea da comunidade Engenho II
Fonte: Jornal UFG



Comunidade Engenho II
Fonte: André Dib



Comunidade Engeho II
Fonte: Arquivo Autoral

LEGENDAS:
[f.14] Imagem comunidade Engeho II
Fonte: Arquivo autoral, 2019
[f.15] Imagem comunidade Engeho II
Fonte: André Dib, 2018



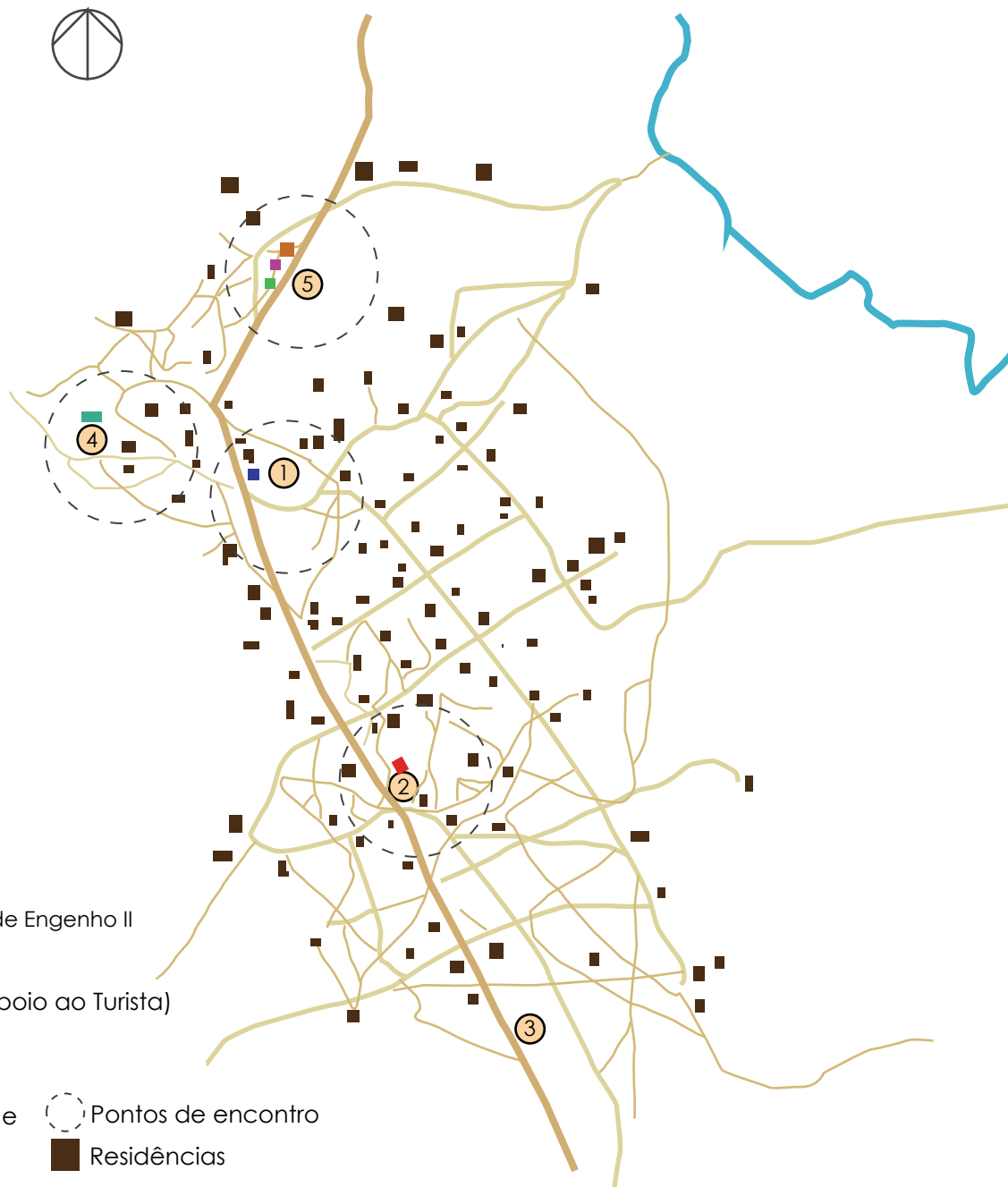
Comunidade Engeho II
Fonte: André Dib

USO DO SOLO E INFRAESTRUTURA URBANA

Em relação ao uso do solo, analisando a implantação das moradias, percebe-se que a lógica foi uma ocupação orgânica e extensiva das terras. O espaço de cada grupo familiar é composto também por um espaço de plantio próprio, por isso acontece o distanciamento entre as residências. Sobre a infraestrutura urbana, a comunidade de Engenho II, é a primeira e única contemplada ao receber energia elétrica pelo programa "Luz para todos", em 2004.

Os moradores relatam a precariedade dos serviços de saúde na comunidade, fazendo com que os moradores tenham que se deslocar para a cidade. Outro problema que me relatam, é a falta de infraestrutura como: transporte público, melhoria das estradas, segurança, escolas e creches. O posto policial da comunidade funciona poucas vezes por mês, e em caso de algum problema é preciso novamente recorrer à Cavalcante, a cidade mais próxima.

Fica claro a precariedade dos serviços, e como o líder da comunidade me afirma, "aqui na comunidade ainda falta muita coisa".



Mapa Comunidade Engenho II

- Escola
- CAT(Centro Apoio ao Turista)
- Loja
- Posto Policial
- Posto de Saúde
- Capela
- Pontos de encontro
- Residências



01. Escola
Fonte: Arquivo autoral

LEGENDAS:
[f.16] Imagem comunidade Engenho II
Fonte: Arquivo autoral, 2019
[f.17] Imagem comunidade Engenho II
Fonte: Arquivo autoral, 2019
[f.18] Imagem comunidade Engenho II
Fonte: Arquivo autoral, 2019



02. Posto de Saúde
Fonte: Arquivo autoral



03. Vista acesso comunidade
Fonte: Arquivo autoral

04. Capela
Fonte: Arquivo autoral

LEGENDAS:

[f.19] Imagem comunidade Engenho II

Fonte: Arquivo autoral, 2019

[f.20] Imagem comunidade Engenho II

Fonte: Arquivo autoral, 2019

[f.21] Imagem comunidade Engenho II

Fonte: Arquivo autoral, 2019

[f.22] Imagem comunidade Engenho II

Fonte: Arquivo autoral, 2019



05.Loja de produtos quilombolas
Fonte: Arquivo autoral



Campo de futebol
Fonte: Arquivo autoral



Posto da Policia Militar
Fonte: Arquivo autoral

Comunidade Engenho II
Fonte: Arquivo autoral

TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA

É inegável a contribuição que os africanos trouxeram para o país, e vemos sua influência em diversas áreas de produção e conhecimento, porém, como afirma Weimer (2005), o capítulo mais difícil o estudo da história da arquitetura brasileira é o da contribuição dos povos africanos, e isso se deve ao fato de serem mal estudados, ao até mesmo, deixados de lado.

As habitações Kalunga, possuem duas tipologias principais, uma tradicional e as construções recentes. O modelo tradicional (ver fig. x), presente em maior parte das regiões mais afastadas do território Kalunga, apresenta um sistema construtivo de taipa, em maior parte de adobe, com estrutura de madeira e cobertura de palha de Buriti, planta essa, presente em abundância na região. Essa tipologia se destaca por ser uma construção de baixo impacto ambiental, feito com materiais presentes na região, e como complementa Oliver (1997), a arquitetura vernácula típica de um povo, é construída com objetivos específicos para atender a necessidade de um povo, e é marcada principalmente pela simplicidade e adaptabilidade.

A segunda tipologia faz referência as construções recentes (ver fig. x), em sua maioria oriundas do programa governamental "Casa Kalunga", onde foram construídas cerca de 60 casas de alvenaria na comunidade Engenho II, e em decorrência disso, hoje os moradores ao construírem ou ampliarem suas habitações, optam pelo modelo de alvenaria. E um terceiro tipo, é um modelo híbrido (ver fig. x), presente em diversas moradias da comunidade, onde há uma casa antiga, feita de adobe e palha, e uma extensão feita de alvenaria.



Tipologia Tradicional - Adobe
Fonte: Arquivo autoral



Tipologia Tradicional - Adobe
Fonte: Arquivo autoral



Tipologia Mista - Adobe e Alvenaria
Fonte: Arquivo autoral



Tipologia Mista - Adobe e Alvenaria
Fonte: Arquivo autoral

LEGENDAS:

[f.22] Imagem comunidade Engenho II
Fonte: Arquivo autoral, 2019

[f.23] Imagem comunidade Engenho II
Fonte: Arquivo autoral, 2019

[f.24] Imagem comunidade Engenho II
Fonte: Arquivo autoral, 2019

LEGENDAS:
[f.25] Kalunga: Quem
mora lá?
Fonte: Produção
autoral, 2020

QUEM MORA LÁ?

O quilombola Kalunga, que hoje tem sua raiz na comunidade Engenho II, vive entre a **tradição e a modernidade**, isso devido as mudanças provadas pelo contato do Kalunga com o mundo externo e vice-versa. Mas esse fato não anula, a **cultura tradicional** do povo Kalunga. Hoje ali na comunidade moram cerca de **625 pessoas**, dentre estas a maioria são jovens.

O perfil dominante do Kalunga se baseia no **trabalho de campo** de autossuficiência, com o **cultivo de alimentos** e a **pecuária** de pequeno porte. Outro gerador de renda pra comunidade é o **turismo**, os moradores me contam que a maioria dos jovens que saem para estudar ou trabalhar na cidade, acabam regressando ao lugar de origem por não conseguirem se adaptar a rotina dos centros urbanos. E para esses jovens, o trabalho na área do turismo, é uma opção, como me aponta o guia Alexandre (21

PERFIL DO USUÁRIO

anos), " a criança na comunidade passa o dia todo no meio do mato, e quando cresce fica fácil ser guia, eu mesmo conheço isso aqui tudo", fala ele sobre o potencial do turismo pra região.

Como já foi dito antes, o Kalunga tem uma forte relação de cuidado e troca com a natureza que os cerca. O trabalho que fazem de preservação ambiental é inegável, e ao mesmo tempo, o Kalunga reconhece os elementos naturais do cerrado e se apropria deles na **produção de artesanato**, fabricação de instrumentos musicais, construção de casas, produção de cosméticos e medicina provenientes das ervas, e outros. E hoje, grande parte dessa produção do saber tradicional, é comercializado, ajudando na renda dos moradores, já que em anos onde a colheita não é tão proveitosa, a renda dos moradores recebe ajuda com o turismo e os **produtos vendidos**.

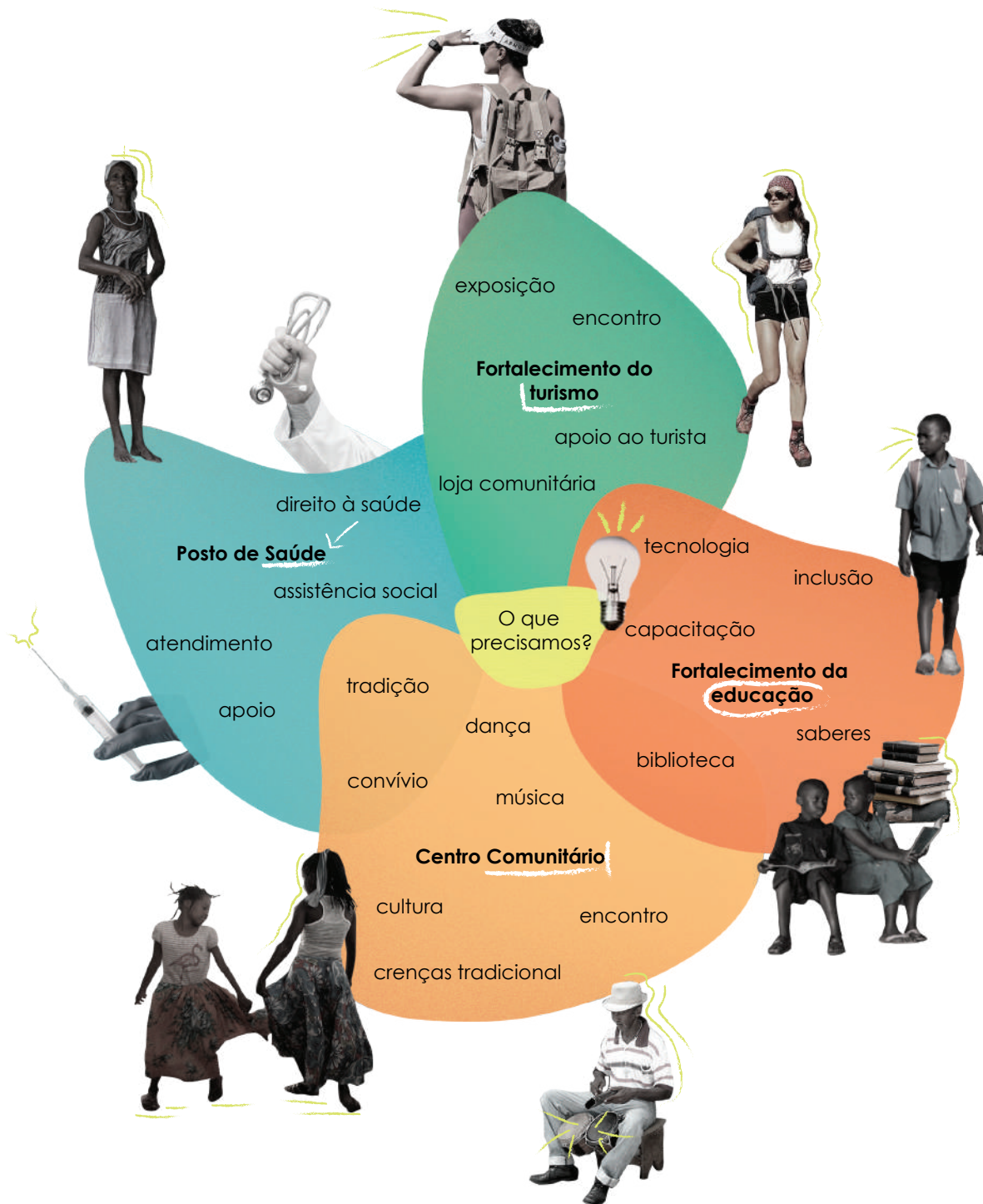


[f.25]

CONCEPÇÃO DO PROGRAMA DE **NECESSIDADES**

O programa de necessidades tem o objetivo fundamental de criar espaços, pensados a partir das urgências e potencialidades da comunidade, buscando promover uma abordagem sustentável em relação ao desenvolvimento e fortalecimento da cultura e tradição local, além de buscar promover o acesso à direitos básicos como saúde

e educação. Dessa forma, o programa de necessidades se subdivide em quatro porções principais: **turismo, educação, cultura e assistência**, logo, cada uma dessas áreas busca solucionar as carências apresentadas anteriormente, além de abranger os potenciais locais, afim de propor um diálogo respeitoso com a comunidade local.







O PROJETO

O projeto de Arquitetura e Urbanismo para a comunidade Kalunga Engenho II surge com a intenção de promover o desenvolvimento sustentável, atento às principais áreas de necessidade do lugar. Nesse sentido o principal compromisso da proposta é escancarar os potenciais do local, aliado a melhoria das oportunidades e do acesso à direitos básicos. O projeto busca cumprir três aspectos: a manutenção da identidade cultural, a apropriação do território e o senso de coletividade.

SIMBOLOGIA E CONCEITO

O ponto de partida na criação da volumetria foi a interpretação da arquitetura tradicional produzida pelos quilombolas e por consequência os povos africanos de uma forma geral. Nesse sentido a proposta surge na intenção de trabalhar com a noção de visibilidade e refúgio, assim, a composição da forma surge como uma reinterpretação da paisagem, com ângulos que compõem formas piramidais, fazendo com que o edifício também estabeleça um marco na comunidade. Ao mesmo tempo que o edifício cria uma espécie de esconderijo no interior, sua forma causa notoriedade na paisagem.

A simbologia da forma piramidal com o corte para a entrada de luz, representa também a noção de elevação e ascensão. A forma também representa uma tentativa de ressignificar a arquitetura tradicional africana, propondo o “novo” a partir de uma forma contemporânea.

A composição resultou em uma volumetria variada na cobertura, com os blocos piramidais agrupados em uma composição modular, remetendo aos aldeamentos dos povos tradicionais. A presença forte do pátio foi também uma forma de trazer um costume local para os novos edifícios, visto que para o povo africano, o pátio alcança um lugar de elemento de cultura e expressão, é nesse espaço que é feito o encontro, o convívio, o afeto, e a vida.

Por fim, a volumetria, busca mostrar o potencial da simplicidade, ao mesmo tempo harmonizando com o entorno e com a paisagem, mas se destacando enquanto edifício público. A busca com uma boa relação com o lugar é com o povo que ali habita é o que rege a nova proposta.



Tipologia tradicional Kalunga



Tipologia tradicional Kalunga



Tipologia tradicional Angola

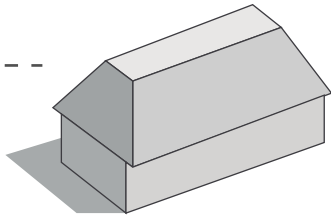


Tipologia tradicional Congo

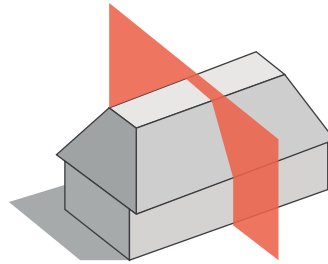


Tipologia tradicional Congo

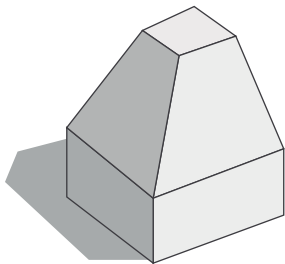
VOLUMETRIA



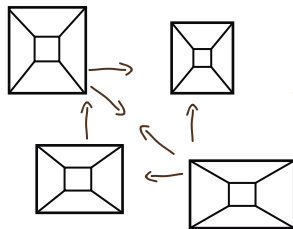
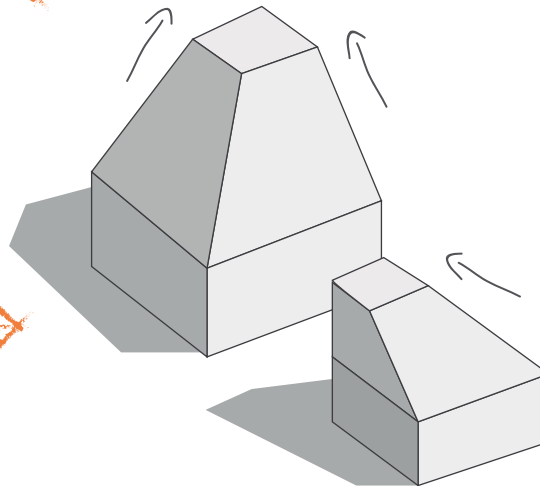
FORMA BÁSICA



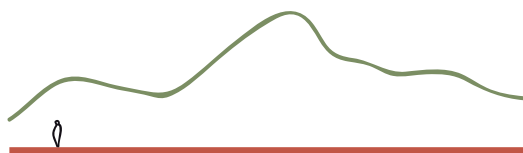
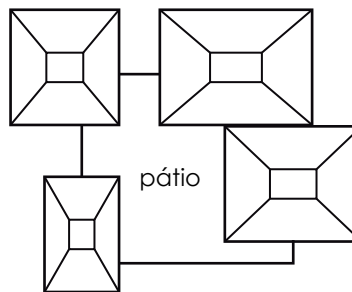
MODIFICAÇÃO



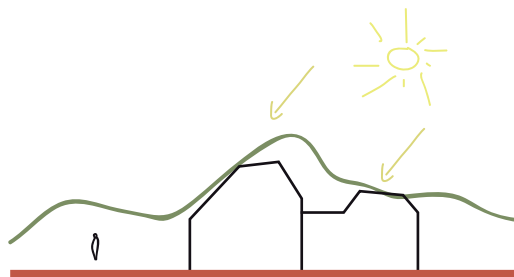
NOVOS MÓDULOS



ADIÇÃO DOS MÓDULOS



Paisagem Natural



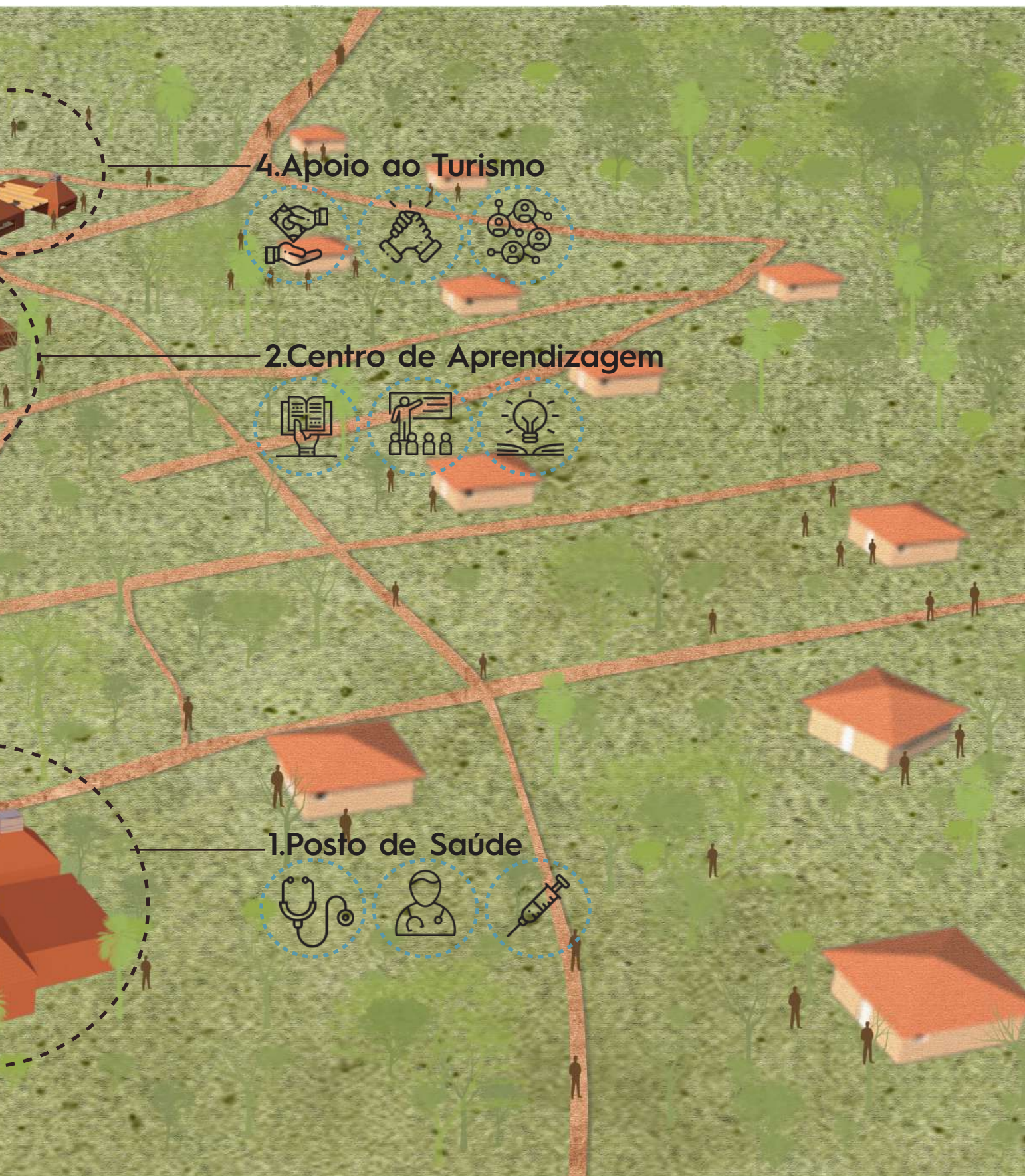
Recriando a paisagem

LOCALIZAÇÃO



3. Centro Comunitário





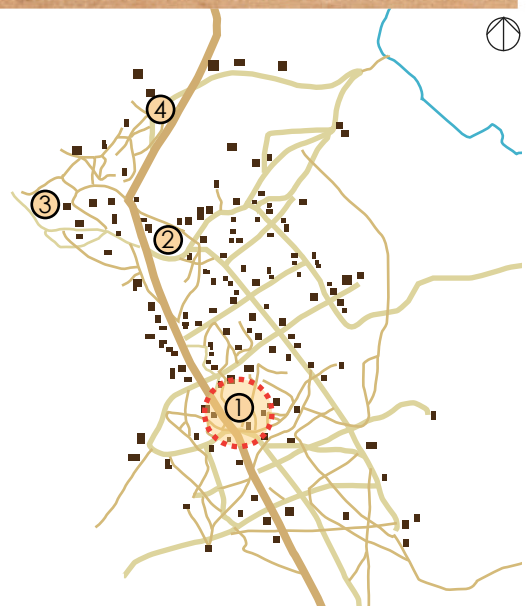
1. POSTO DE SAÚDE



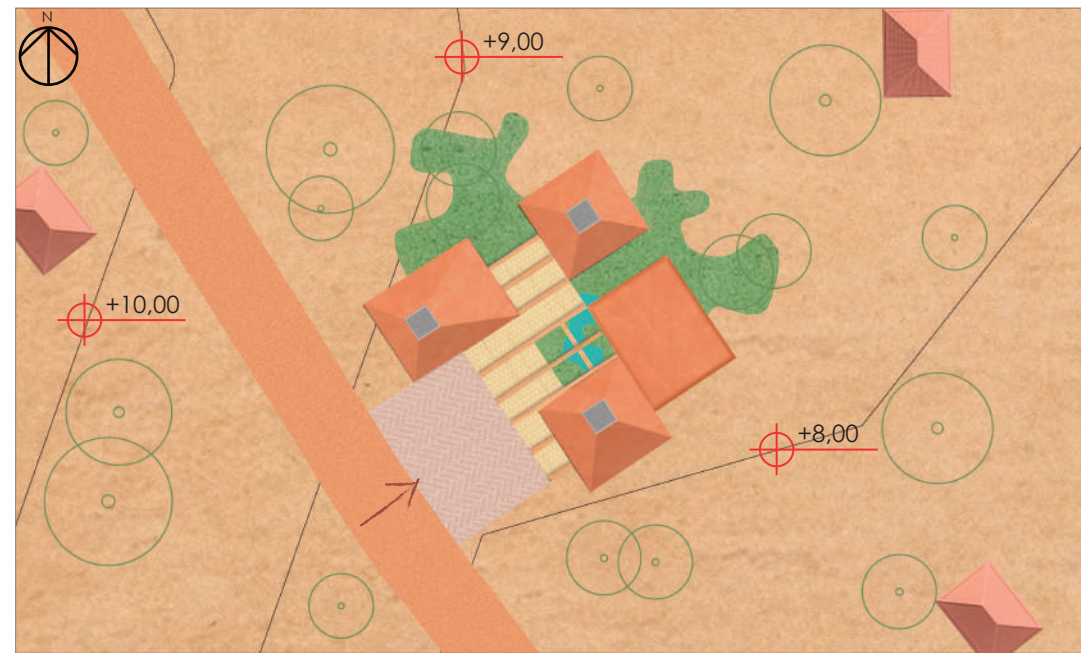
OBJETIVO

Com o intuito de promover um espaço que abrigue o direito à saúde da comunidade Kalunga foi proposto um novo Posto de Saúde, criado a partir da necessidade local e da realidade socioeconômica. Este edifício busca atender iniciativas de assistência social, e atendimentos médicos e odontológicos, e também oferece um ambiente para campanhas de vacinação e afins.

Este edifício se localiza próximo a entrada da comunidade, buscando facilitar a cesso dos profissionais que virão atender na comunidade.



IMPLANTAÇÃO



PLANTA DE COBERTURA POSTO DE SAÚDE
 0 2M 4M 8M

PROGRAMA DE NECESSIDADES



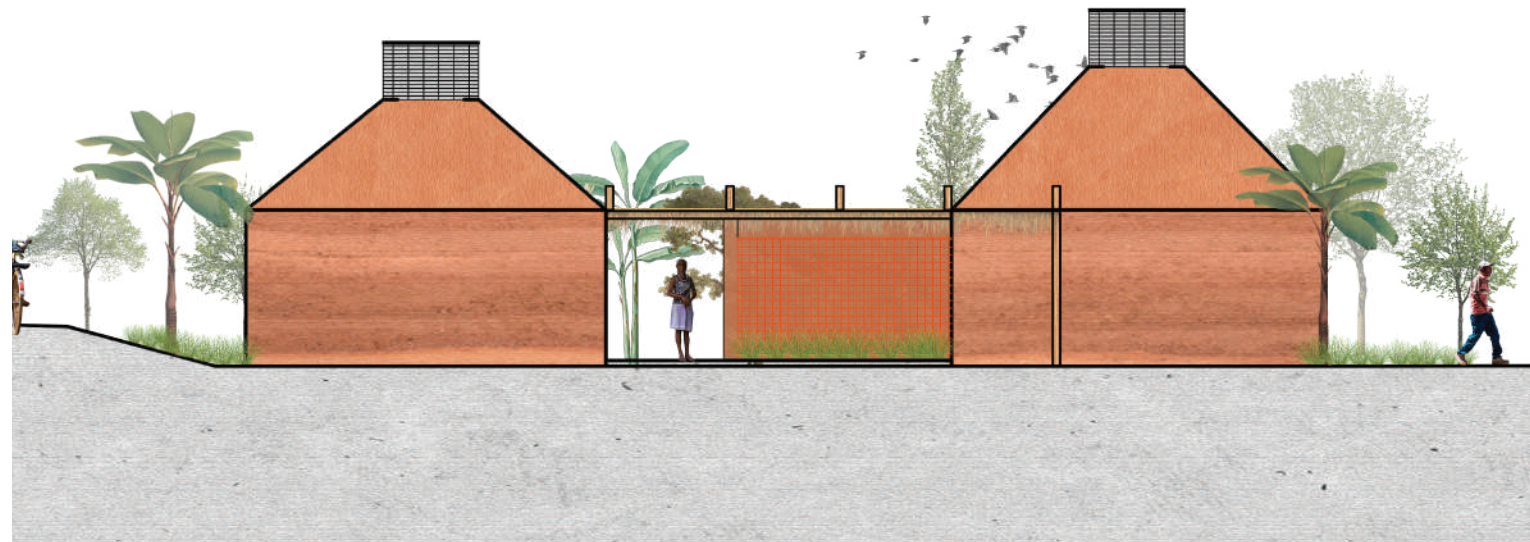
POSTO DE SAÚDE - 380m²

- 1- Recepção
- 2- Consultórios
- 3- Área de vacinas
- 4- Assistência social
- 5- Pátio de acesso principal
- 6- Sanitários

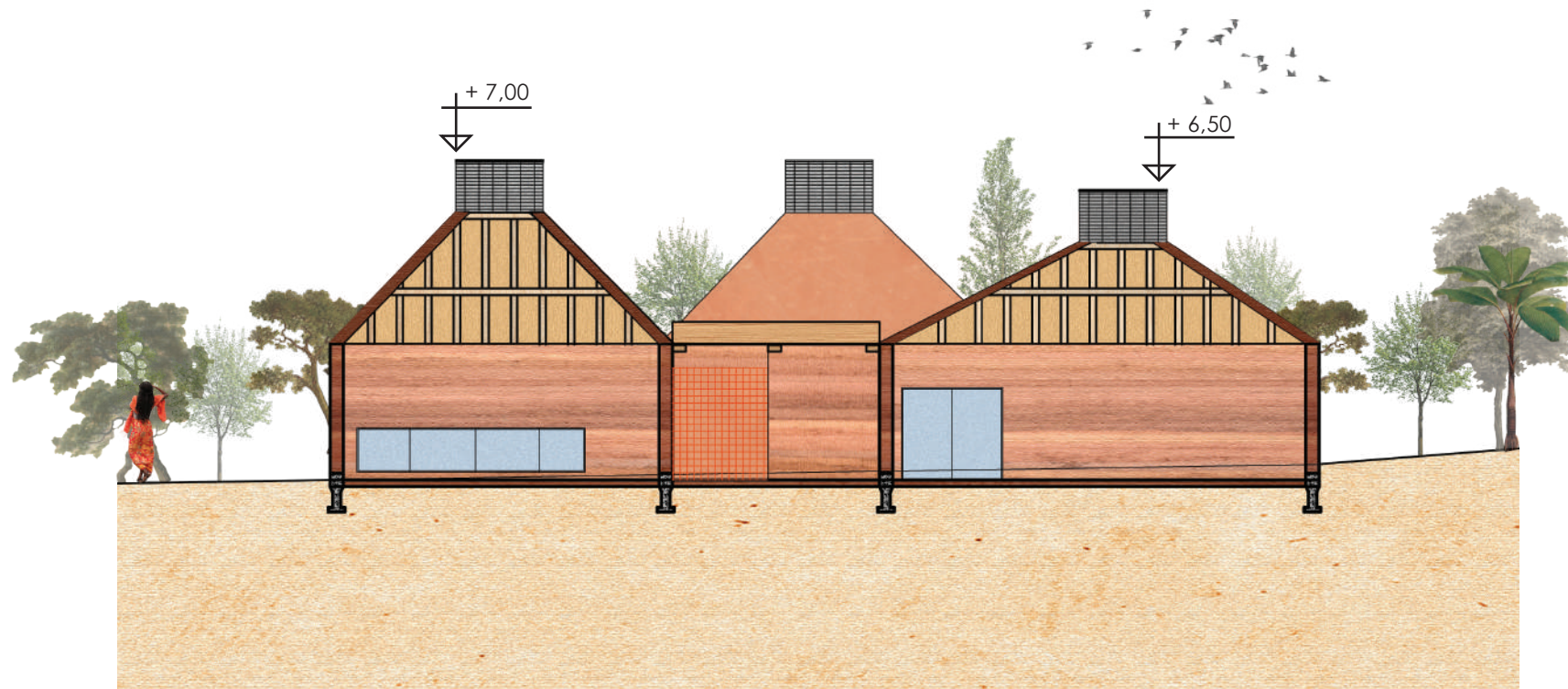


PLANTA POSTO DE SAÚDE
 0 1M 2M 4M

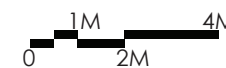
DESENHOS



FACHADA FRONTAL POSTO DE SAÚDE



CORTE POSTO DE SAÚDE



IMAGENS



Recepção Posto de Saúde



Pátio Posto de Saúde

IMAGENS



Consultório médico

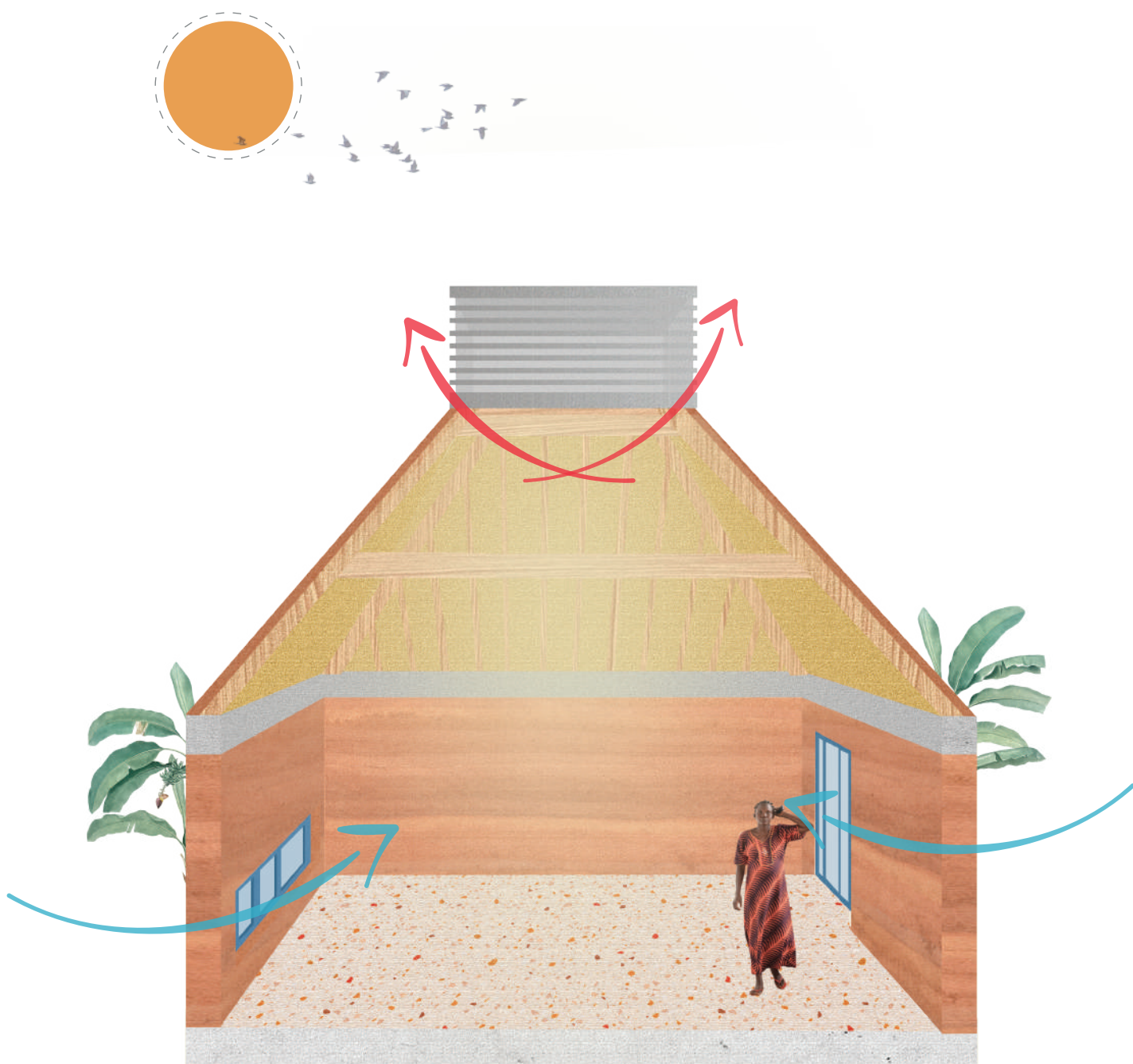


Sala Assitência Social

ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO

A tipologia volumétrica escolhida para as novas edificações atua como facilitadora no conforto térmico, e sendo assim na parte superior da cobertura, os quatro lados inclinados se unem apoiando uma grelha metálica o que promovera o fluxo contínuo do ar através do efeito chaminé, retirando o ar mais quente do ambiente a partir de aberturas em diferentes níveis. As áreas com coberturas de maior volumetria e lanternins,

coincidem com as áreas onde a concentração de público também será maior, bem como, recepção, lojas, exposição e outros locais. Esses novos módulos de estrutura maciça que se abre para o teto também permitem além da circulação dos ventos, a entrada da luz difusa nos ambientes, conferindo assim máximo aproveitamento dos recursos naturais disponíveis na região, sol e vento.



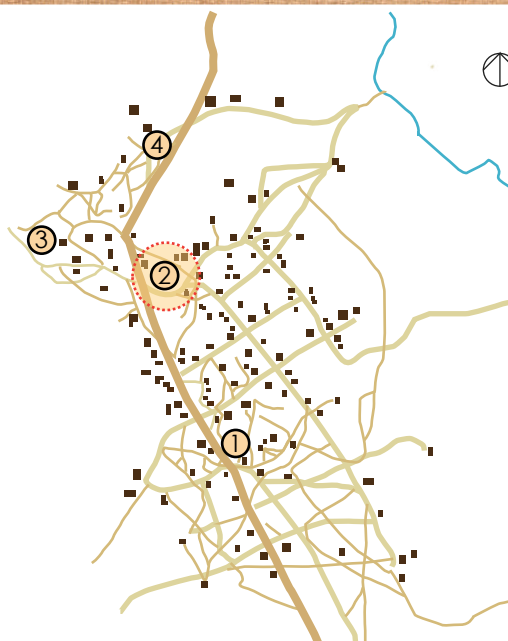
2.CENTRO DE APRENDIZAGEM



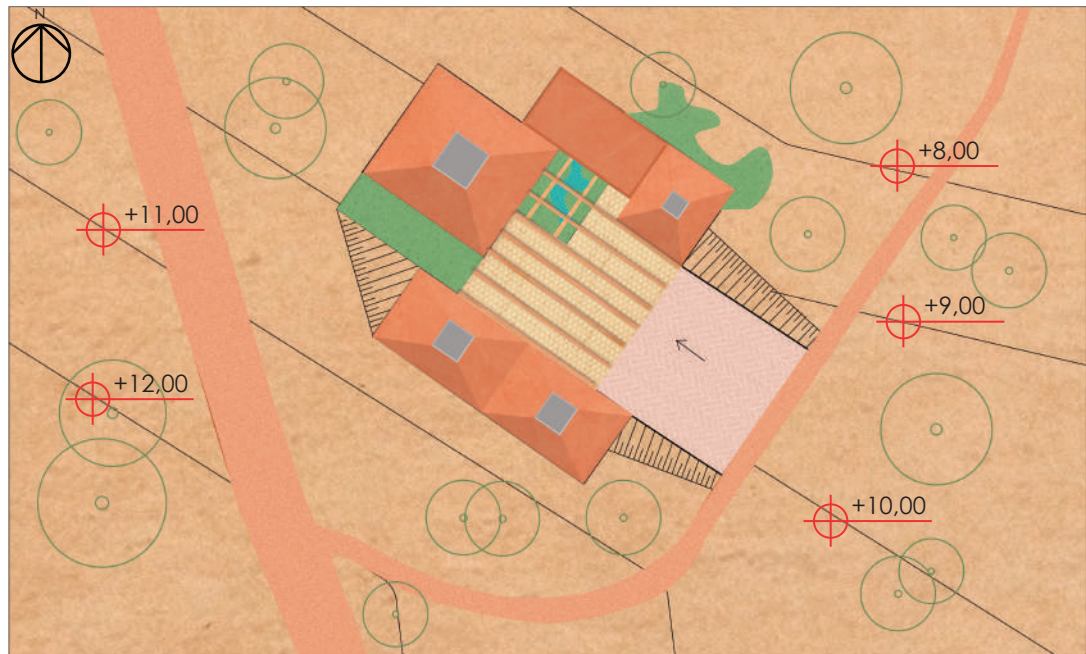
OBJETIVO

O projeto do novo Centro de Aprendizagem Kalunga surge a partir da intenção de criar um espaço de apoio à escola local onde o conhecimento dos saberes locais possa ser celebrado. O espaço conta uma grande biblioteca, oferecendo também um local de estudo e suporte. Também há um laboratório de produção de cosméticos naturais e outros produtos, visto que existem iniciativas comunitárias como o “Kalunga Sustentável” e a “Mãe de Óleos” que necessitam de um espaço de confecção dos produtos, que posteriormente serão vendidos.

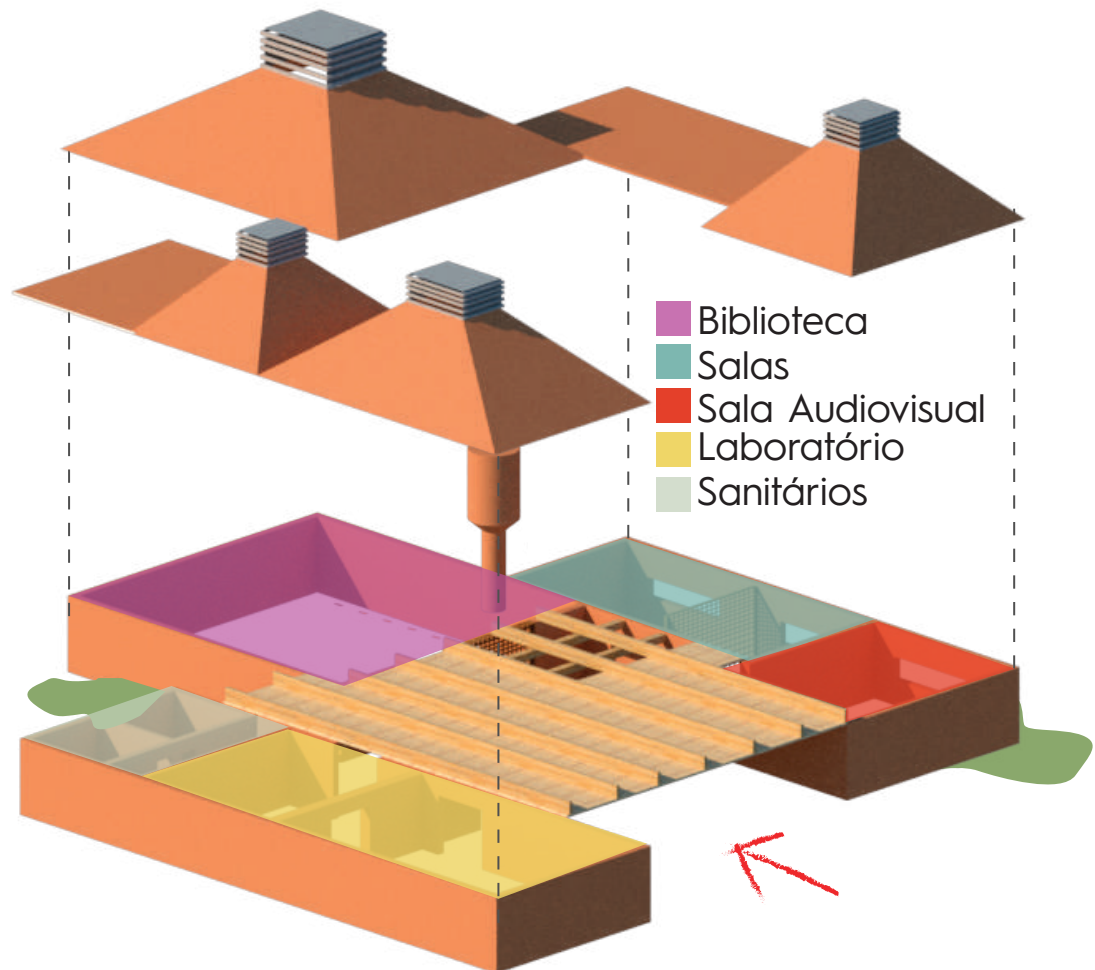
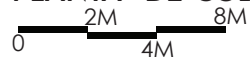
Logo, o Centro pois pensado a partir do Kalunga e para o Kalunga, com o objetivo de promover o ensinamento da tradição local, e a aquisição de novos saberes.



IMPLANTAÇÃO



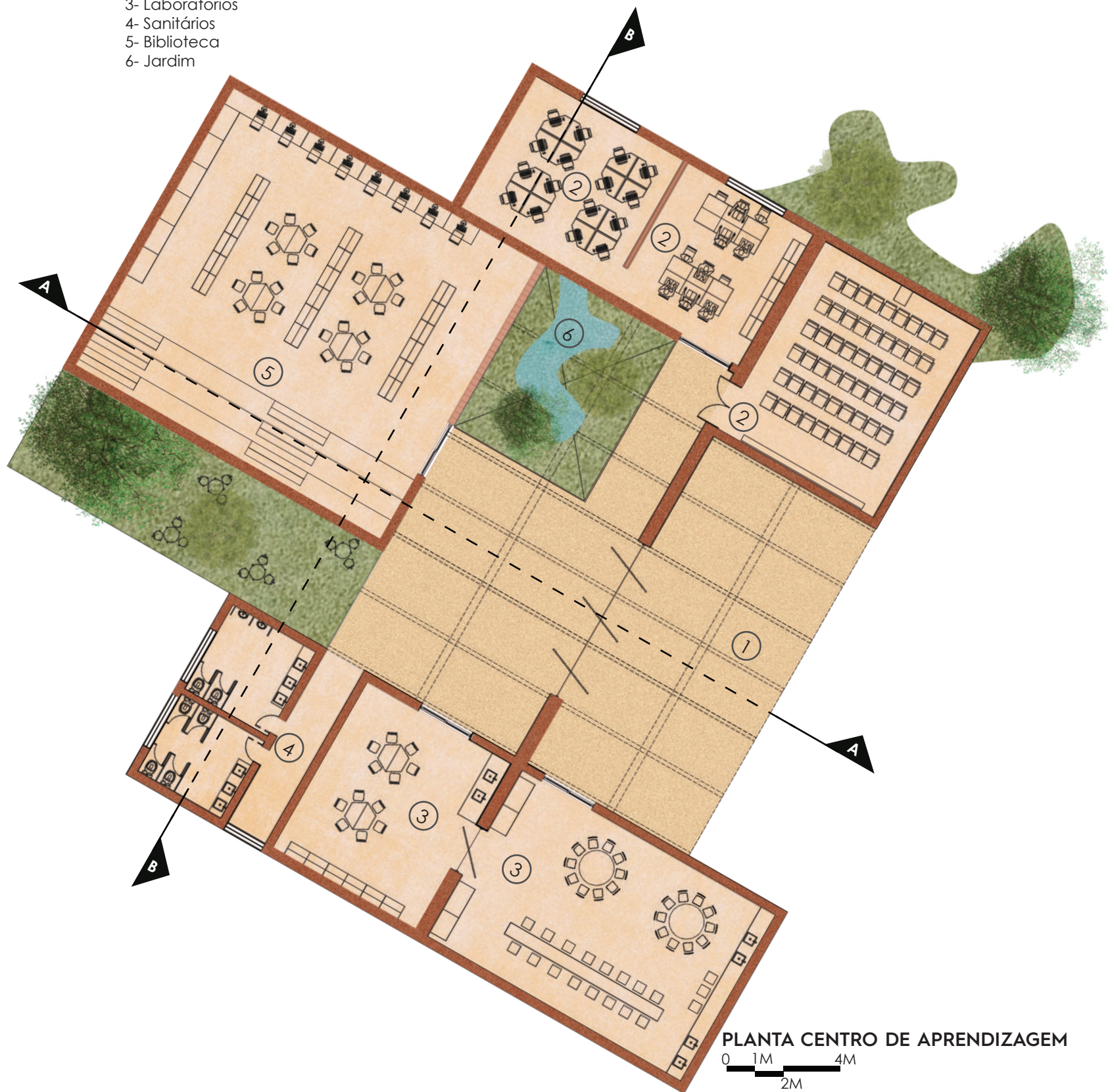
PLANTA DE COBERTURA CENTRO DE APRENDIZAGEM



CENTRO DE APRENDIZAGEM- 800m²



- 1- Pátio de acesso principal
- 2- Salas de Aula
- 3- Laboratórios
- 4- Sanitários
- 5- Biblioteca
- 6- Jardim



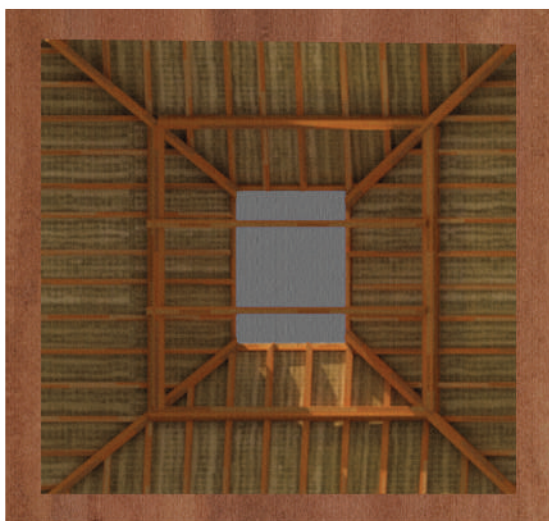
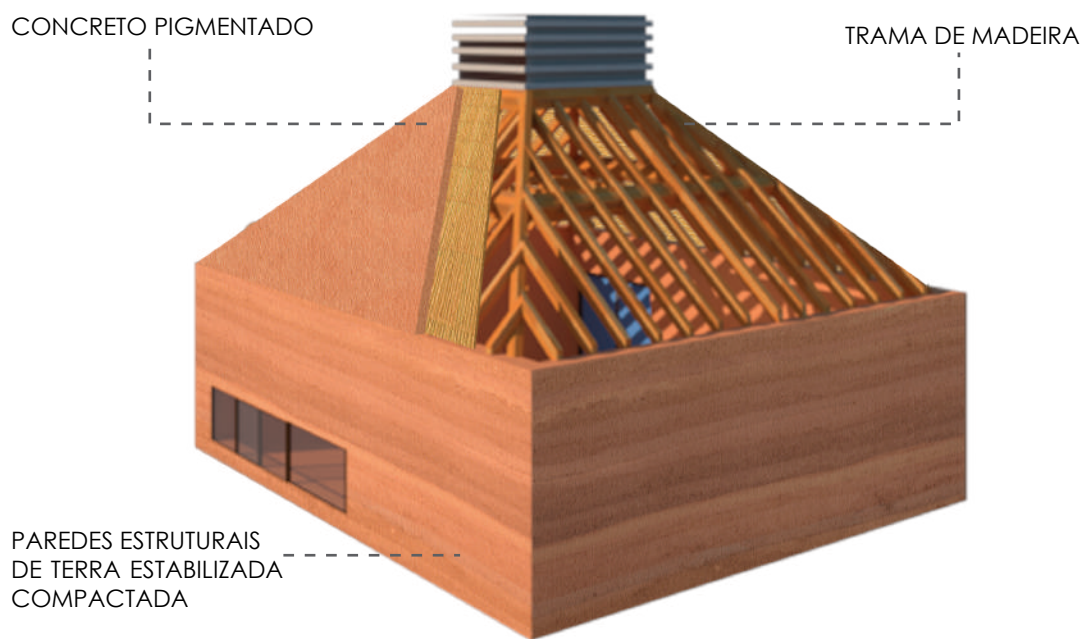
PLANTA CENTRO DE APRENDIZAGEM
0 1M 4M
2M

PROPOSTA ESTRUTURAL E TECNOLOGIAS

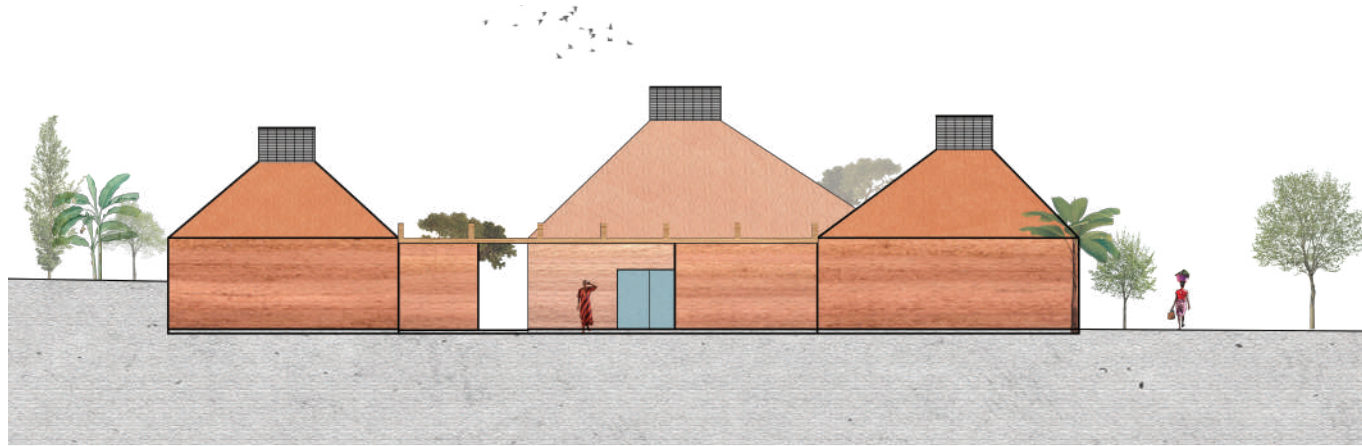
Em relação as novas tecnologias e materiais implementados na proposta dos novos edifícios, optou-se por priorizar técnicas construtivas e elementos que conversassem com a cultura tradicional e refletissem uma forte relação com o ambiente de implantação, além de buscar materiais em abundância nas proximidades da construção.

Logo, o elemento mais utilizado em todo o projeto é a terra, dando vida as paredes estruturais, feitas utilizando a técnica TEC(Terra Estabilizada Compactada), esse

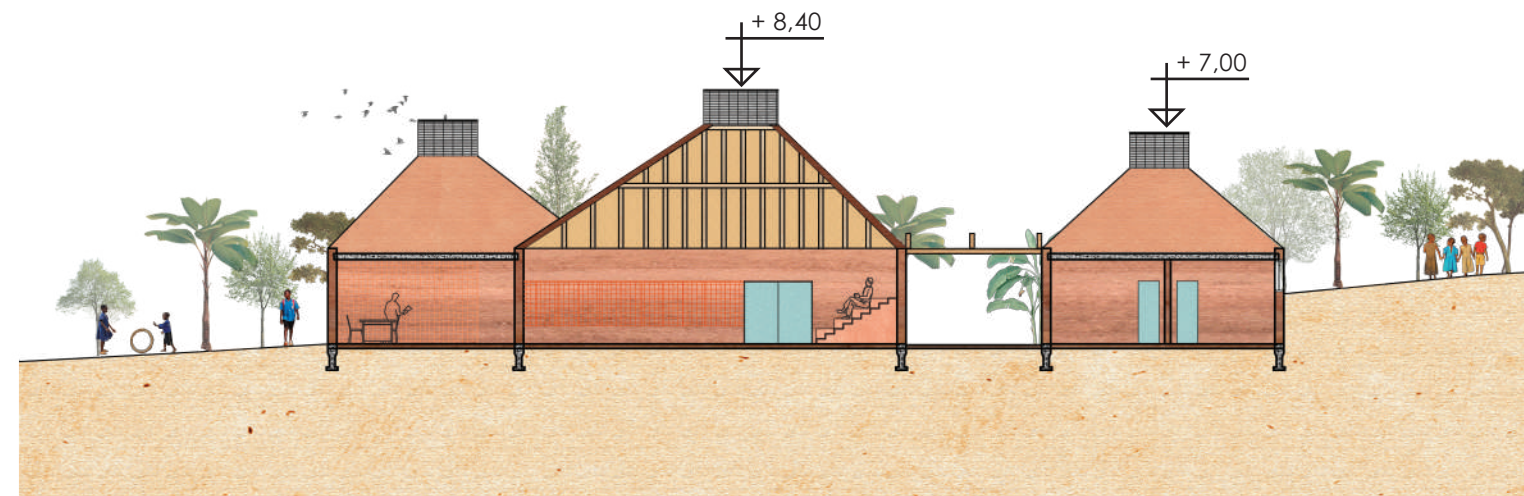
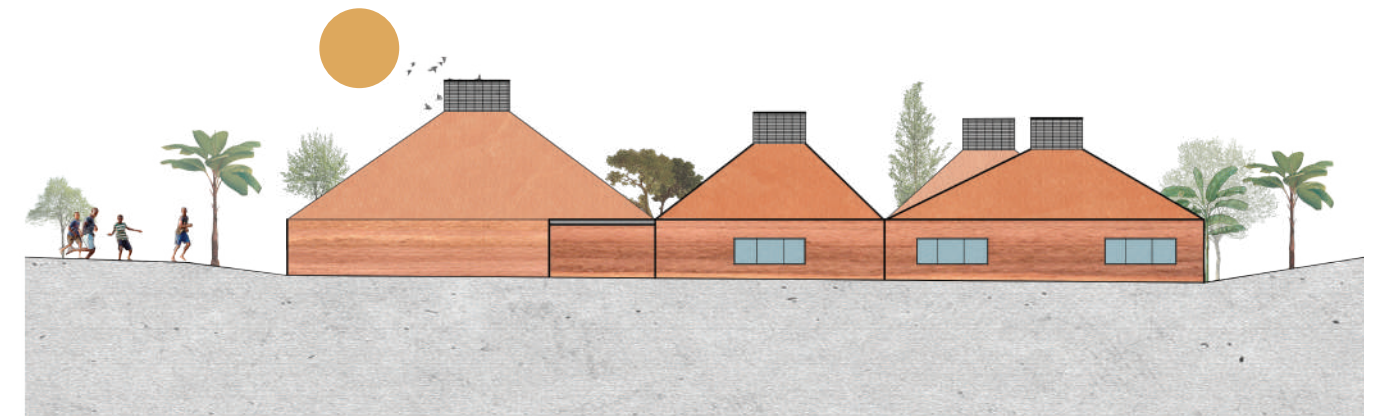
modo de construir, utiliza a terra, com a adição de uma pequena porcentagem de cimento afim de elevar a resistência estrutural. O uso do concreto pigmentado na coloração vermelha, se restringe a cobertura com uma laje de fina espessura moldada in loco a partir de fôrmas na superfície onde o concreto é despejado sobre uma armadura de aço, e por fim, essa repousa sobre uma trama estrutural de madeira, material este também de grande abundancia na região.



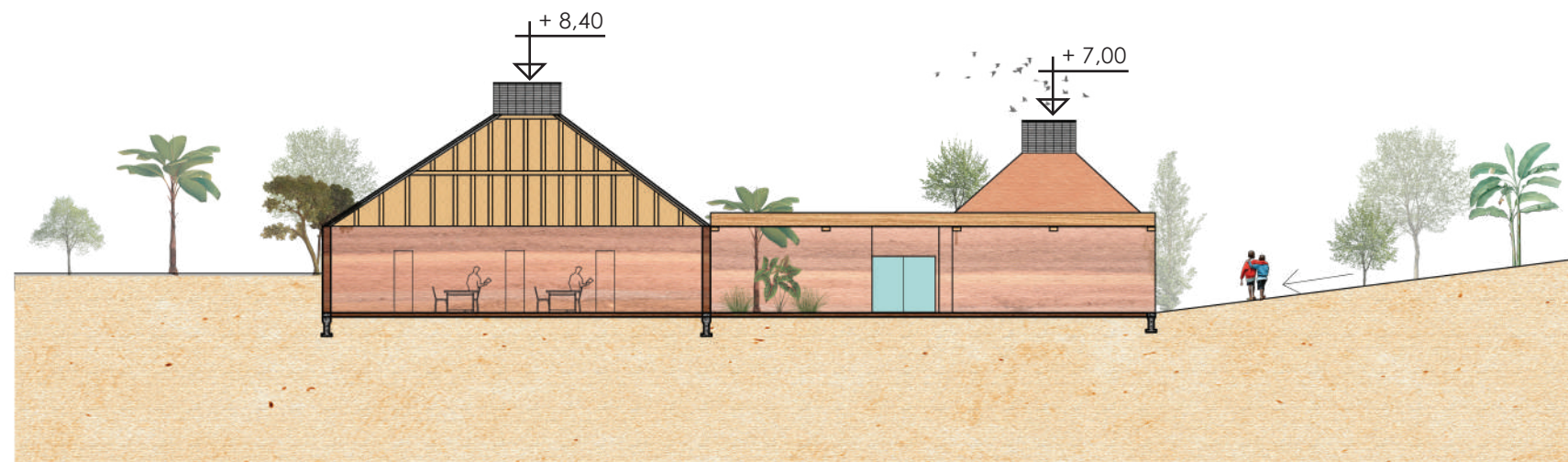
DESENHOS



FACHADA FRONTAL CENTRO DE APRENDIZAGEM



CORTE BB CENTRO DE APRENDIZAGEM



CORTE AA CENTRO DE APRENDIZAGEM

IMAGENS



Pátio Escola



Biblioteca e área de estudos

IMAGENS



Sala de aula



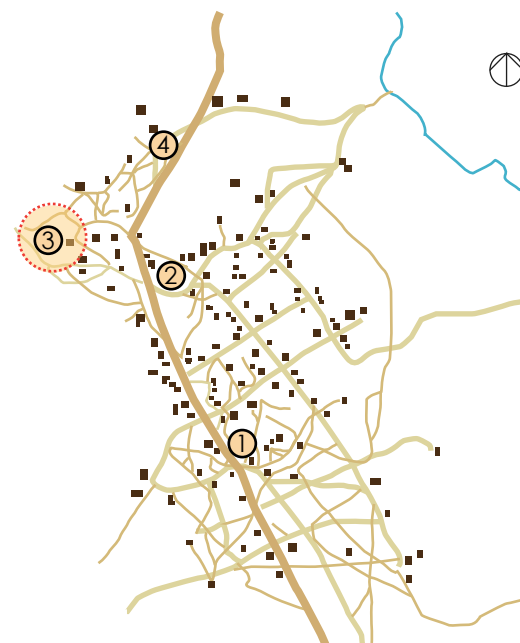
Laboratório

3.CENTRO COMUNITÁRIO

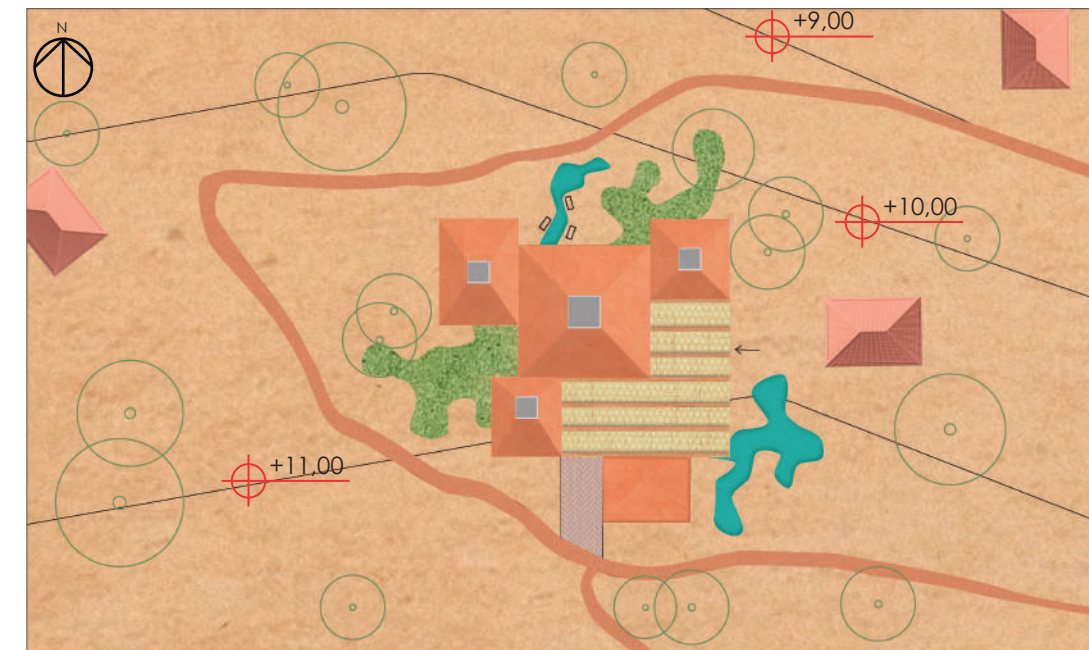


OBJETIVO

Entendo que o Kalunga é moldado e abrigado na cultura e na tradição, foi proposto esse espaço em apoio às festividades religiosas, eventos, reuniões comunitárias e afins. São criados módulos que podem ser apropriados conforme a necessidade da época, entendendo a existência das diversas atividades que ocorrem durante o ano na comunidade. Este é sobretudo um espaço plural onde as tradições e a cultura local serão transmitidas e celebradas. A abertura zenital feita pelas grelhas metálicas permite que a luz difusa entre no edifício, e o espelho d'água que corta o modulo central em toda sua extensão, faz uma alusão ao fluxo do tempo e a espiritualidade local. O projeto do novo Centro de Aprendizagem Kalunga surge a partir da intenção de criar um espaço de apoio à escola local onde o conhecimento dos saberes locais possa ser celebrado.

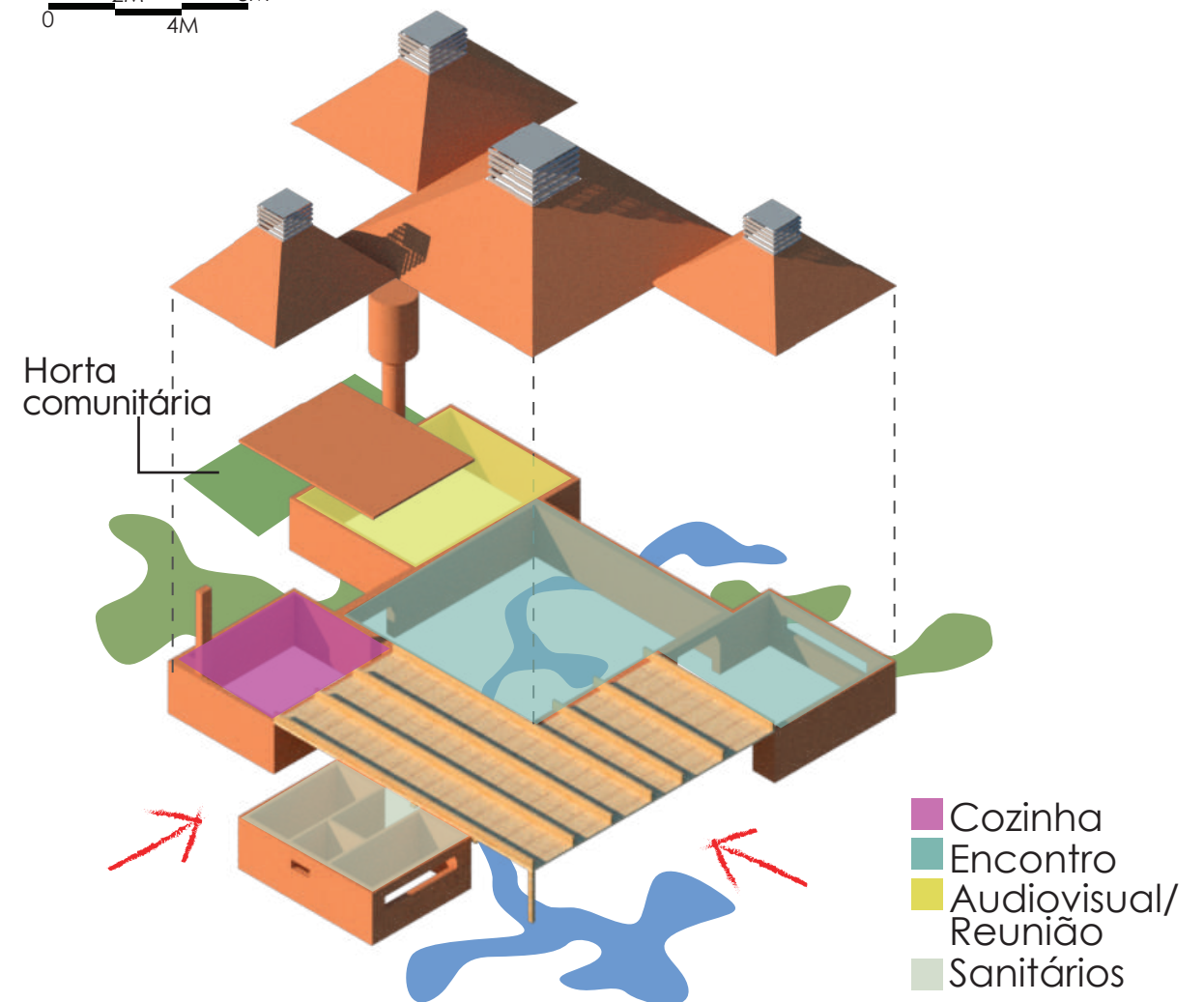


IMPLANTAÇÃO



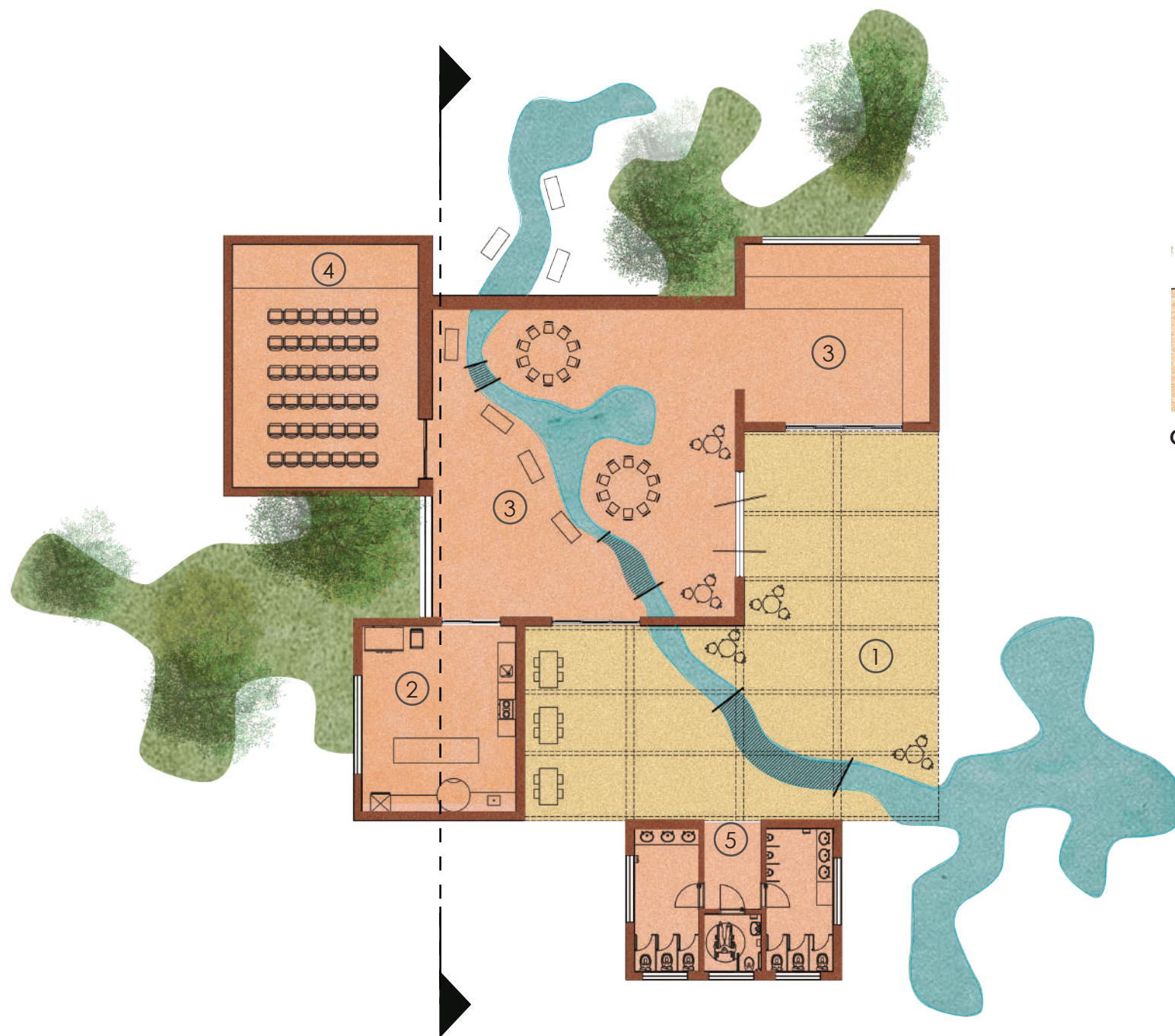
PLANTA DE COBERTURA CENTRO COMUNITÁRIO

0 2M 4M 8M



CENTRO COMUNITÁRIO- 515m²

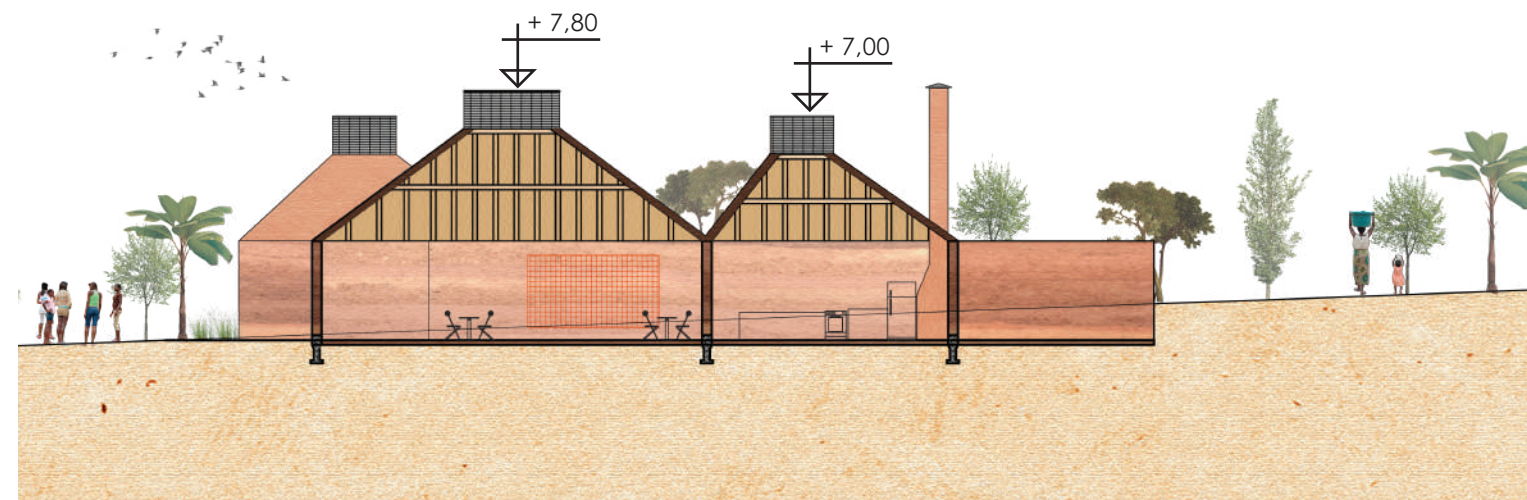
- 1- Pátio de acesso principal
- 2- Cozinha comunitária
- 3- Espaço de encontro
- 4- Sala de reunião/ audiovisual
- 5- Sanitários



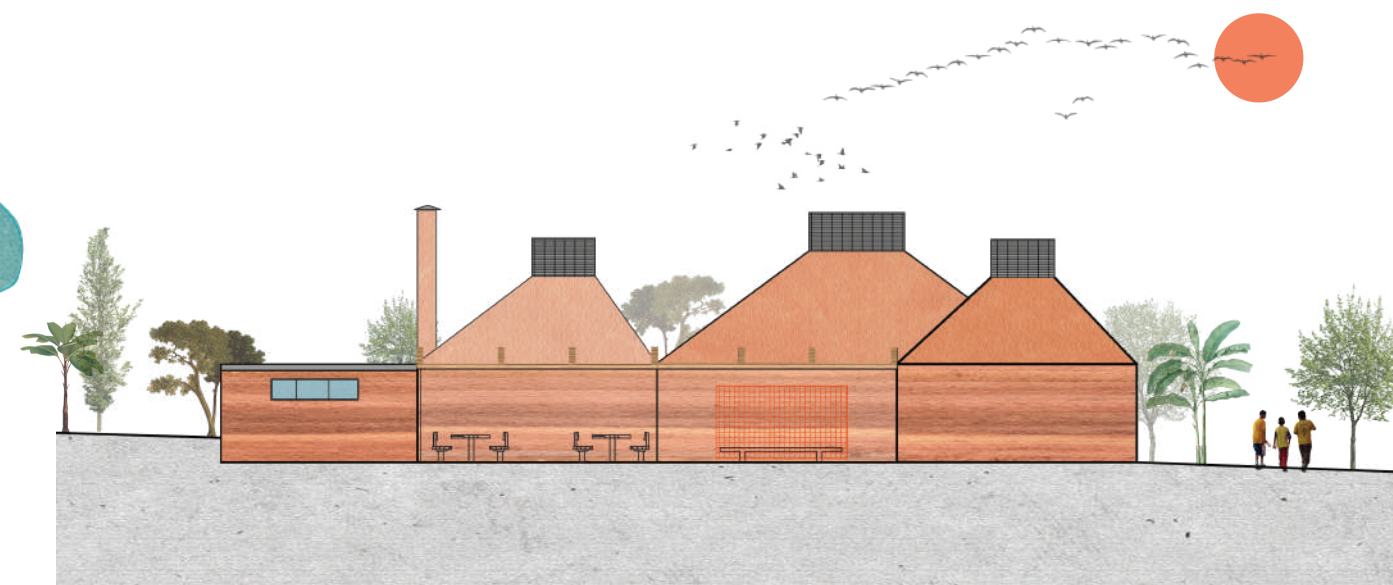
PLANTA CENTRO COMUNITÁRIO

0 1M 2M 4M

DESENHOS



CORTE CENTRO COMUNITÁRIO



FACHADA FRONTAL CENTRO COMUNITÁRIO

IMAGENS



Vista externa Centro Comunitário



Pátio Centro Comunitário

IMAGENS

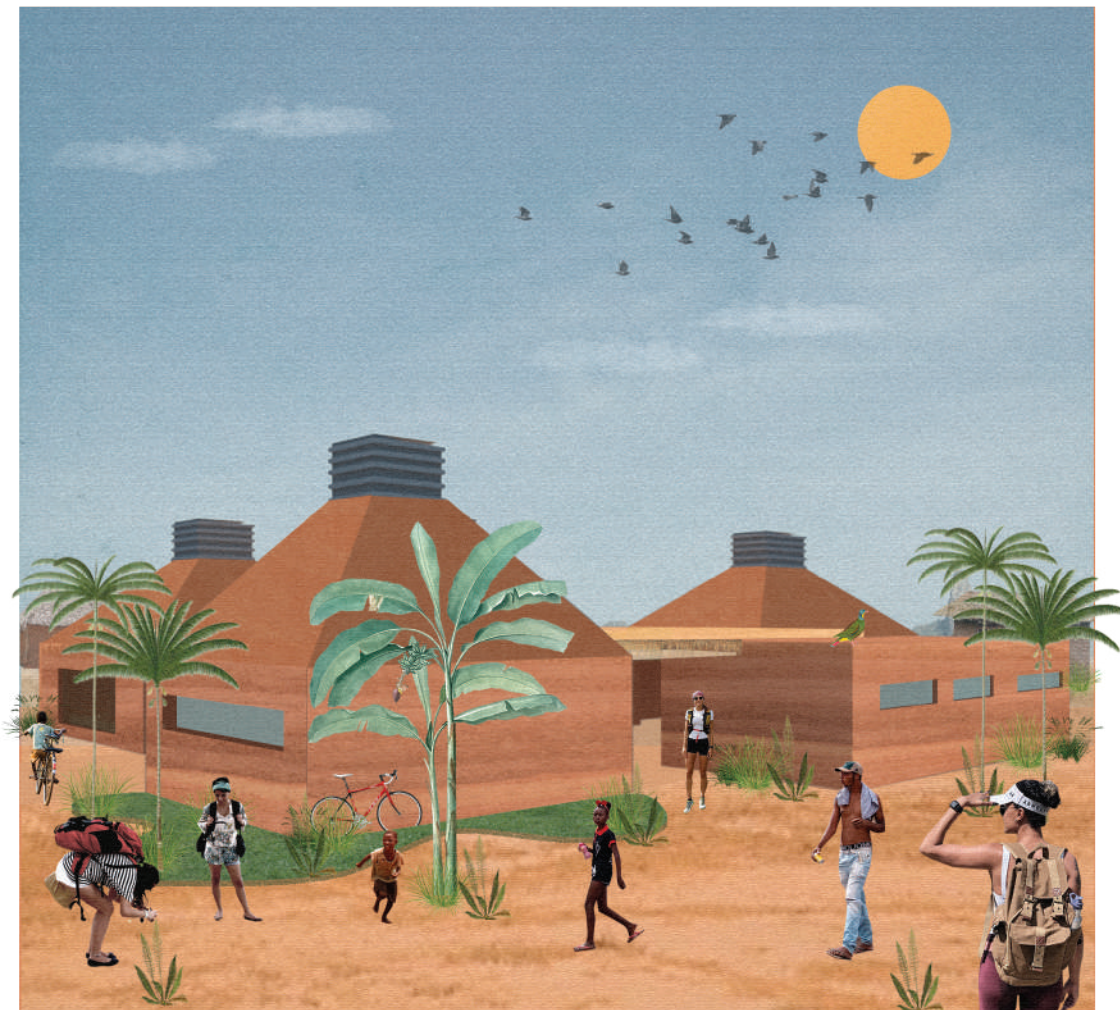


Espaço reunião



Espaço de encontro

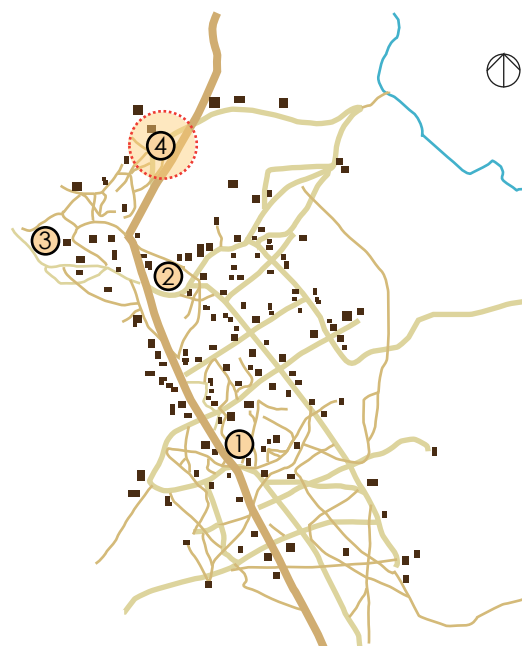
4.CENTRO DE APOIO AO TURISMO



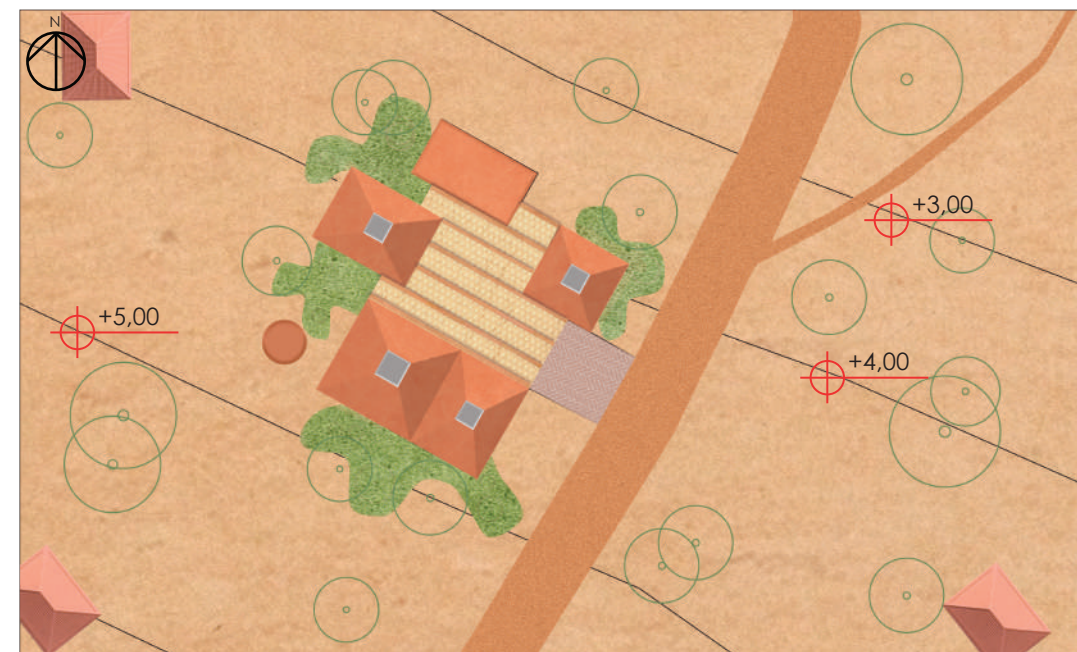
OBJETIVO

Atendendo a um desejo dos moradores da comunidade de fortalecer os vínculos com o turismo ecológico, foi pensado um espaço para que aconteça esse encontro e interação entre o guia e o turista, entre o local e o estrangeiro. Logo, o espaço conta com um espaço de exposição da história Kalunga, afim de educar e apresentar o turista sobre as raízes do quilombo, e também há um espaço em anexo da venda dos produtos e a do artesanato produzido na comunidade.

Esta proposta busca ser, portanto, um local de acolhimento, suporte e encontro dos turistas e dos guias locais. Este projeto está localizado estrategicamente próximo à saída para as trilhas às cachoeiras.

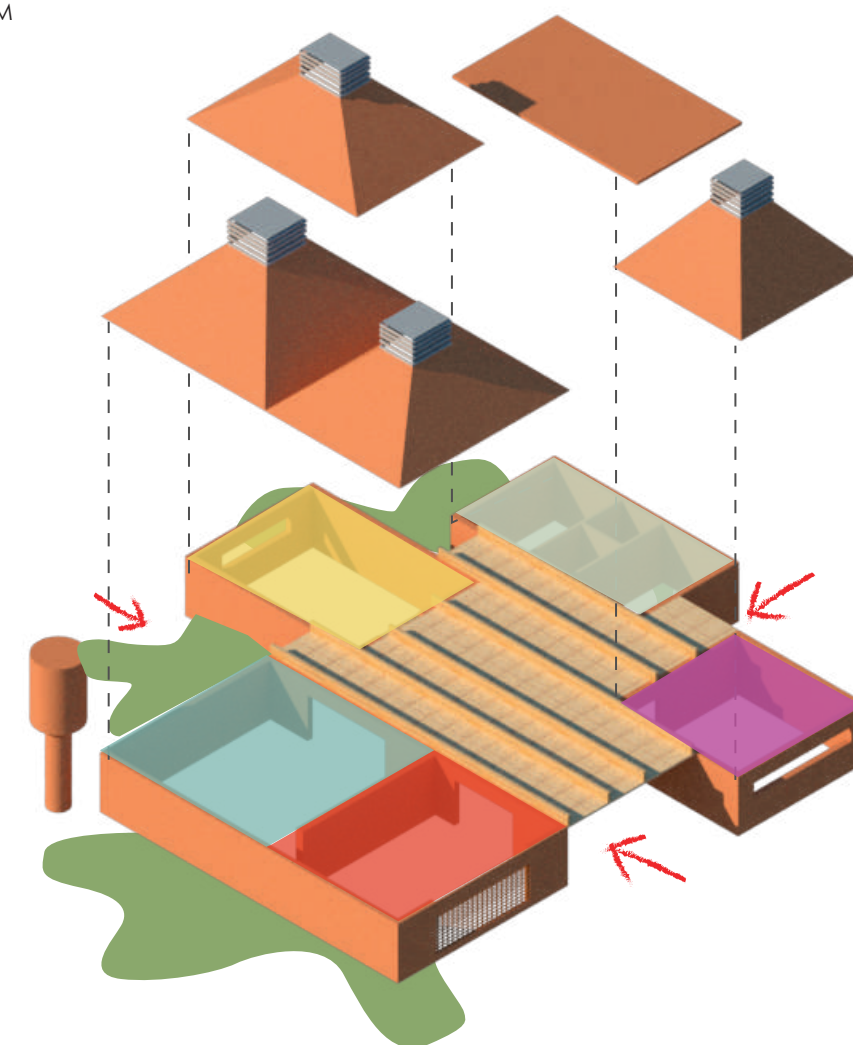


IMPLANTAÇÃO



PLANTA DE COBERTURA CENTRO DE APOIO AO TURISMO

0 2M 4M 8M

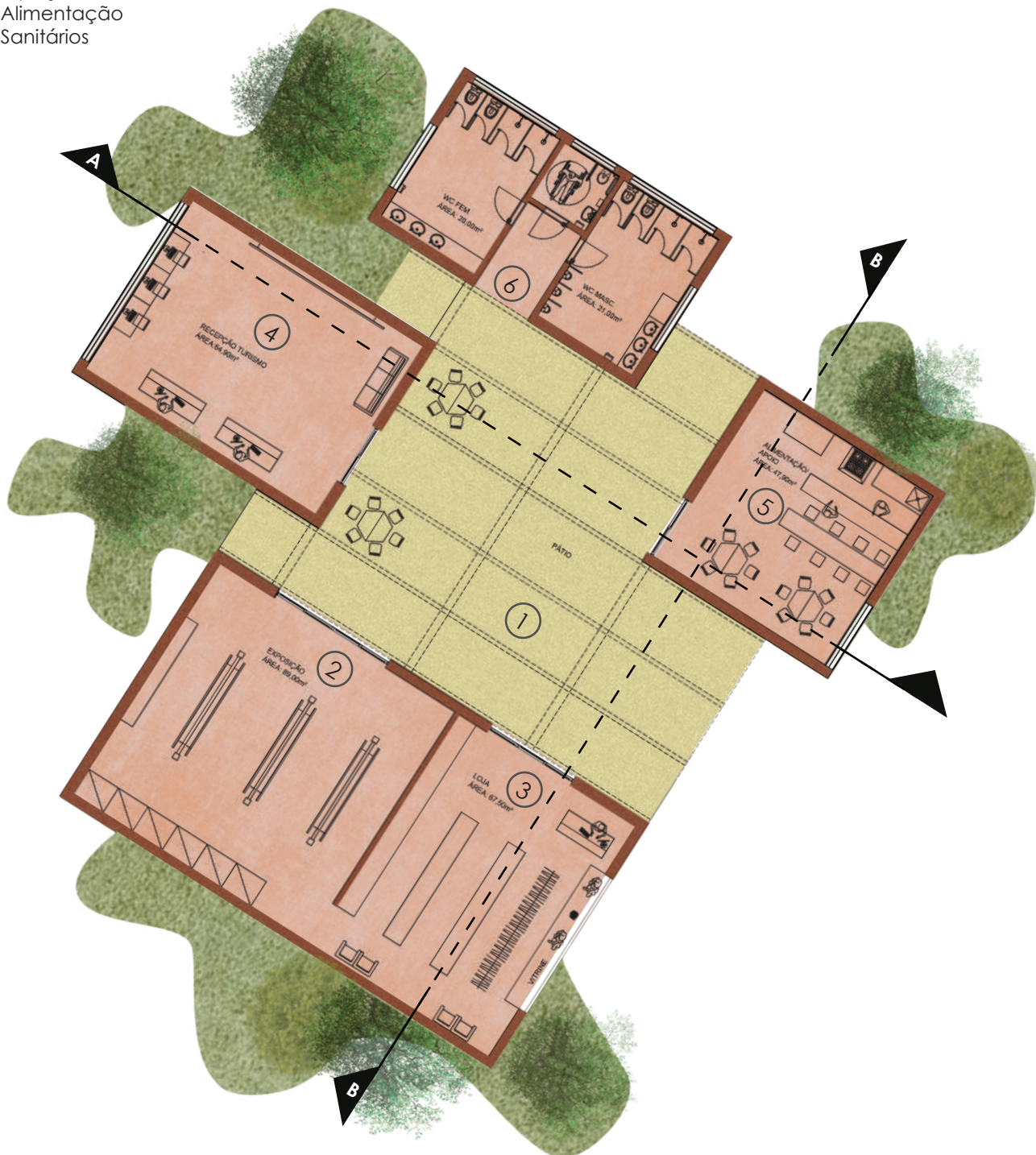


- Alimentação
- Exposição
- Loja
- Espaço Guias
- Sanitários

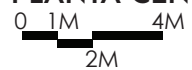
CENTRO DE APOIO AO TURISMO - 510m²



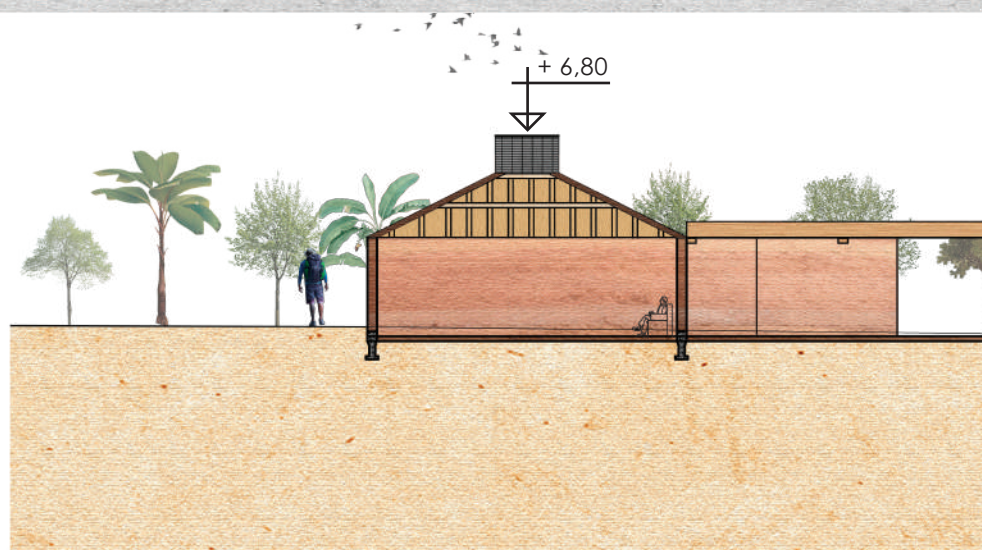
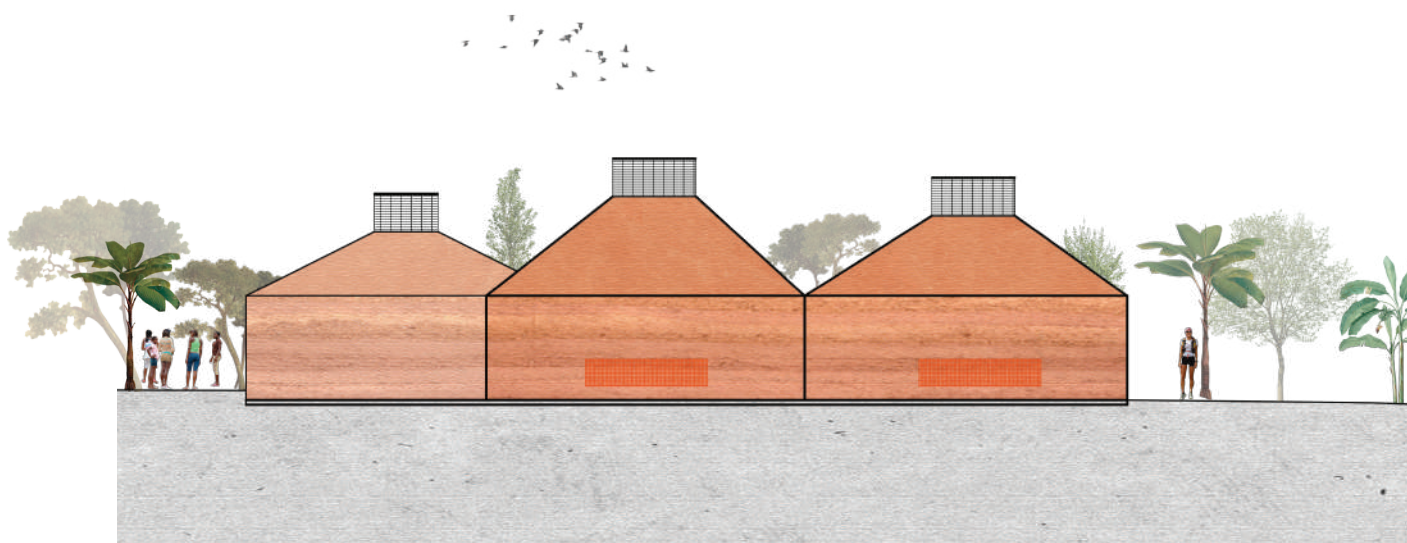
- 1- Pátio de acesso principal
- 2- Sala de exposição
- 3- Loja de produtos Kalunga
- 4- Espaço Guias
- 5- Alimentação
- 6- Sanitários



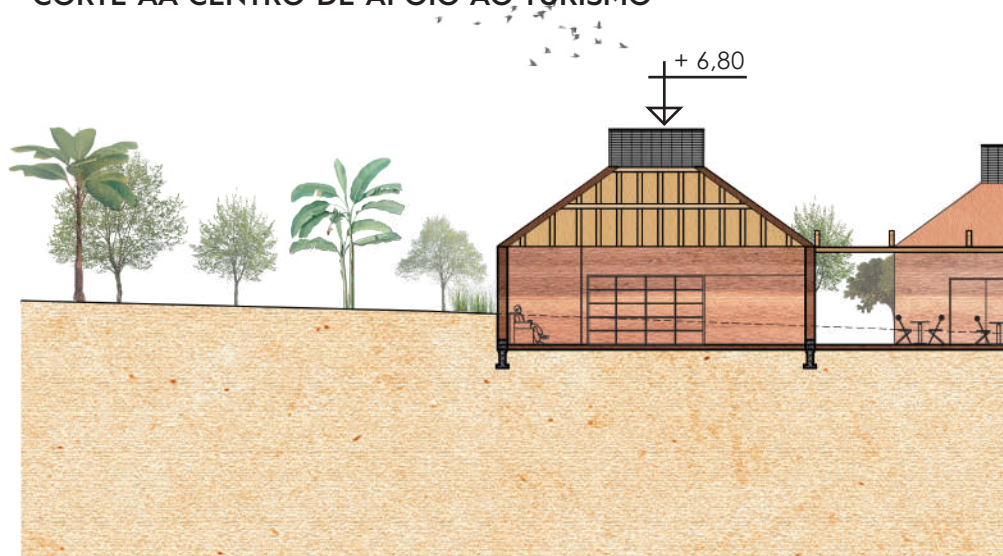
PLANTA CENTRO DE APOIO AO TURISMO



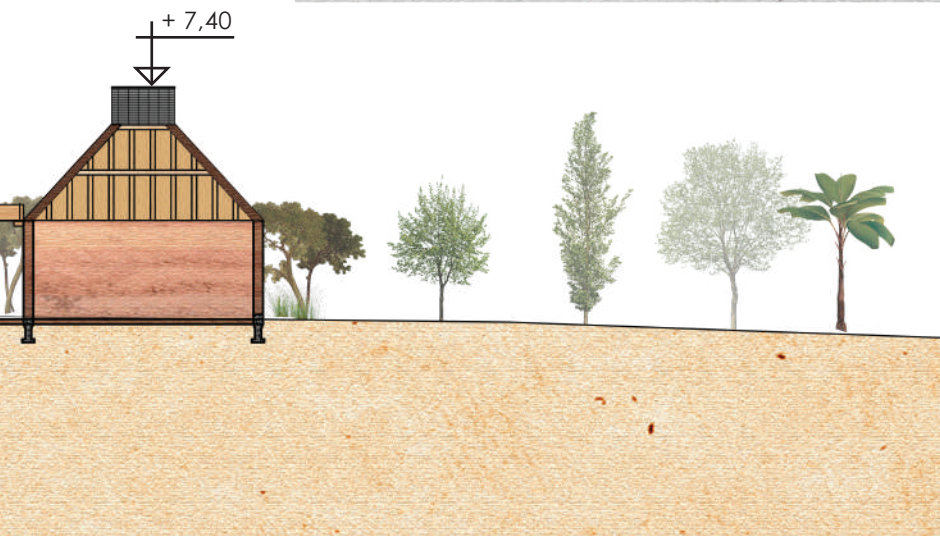
DESENHOS



CORTE AA CENTRO DE APOIO AO TURISMO



CORTE BB CENTRO DE APOIO AO TURISMO



IMAGENS



Loja de produtos quilombolas



Espaço de exposição

IMAGENS

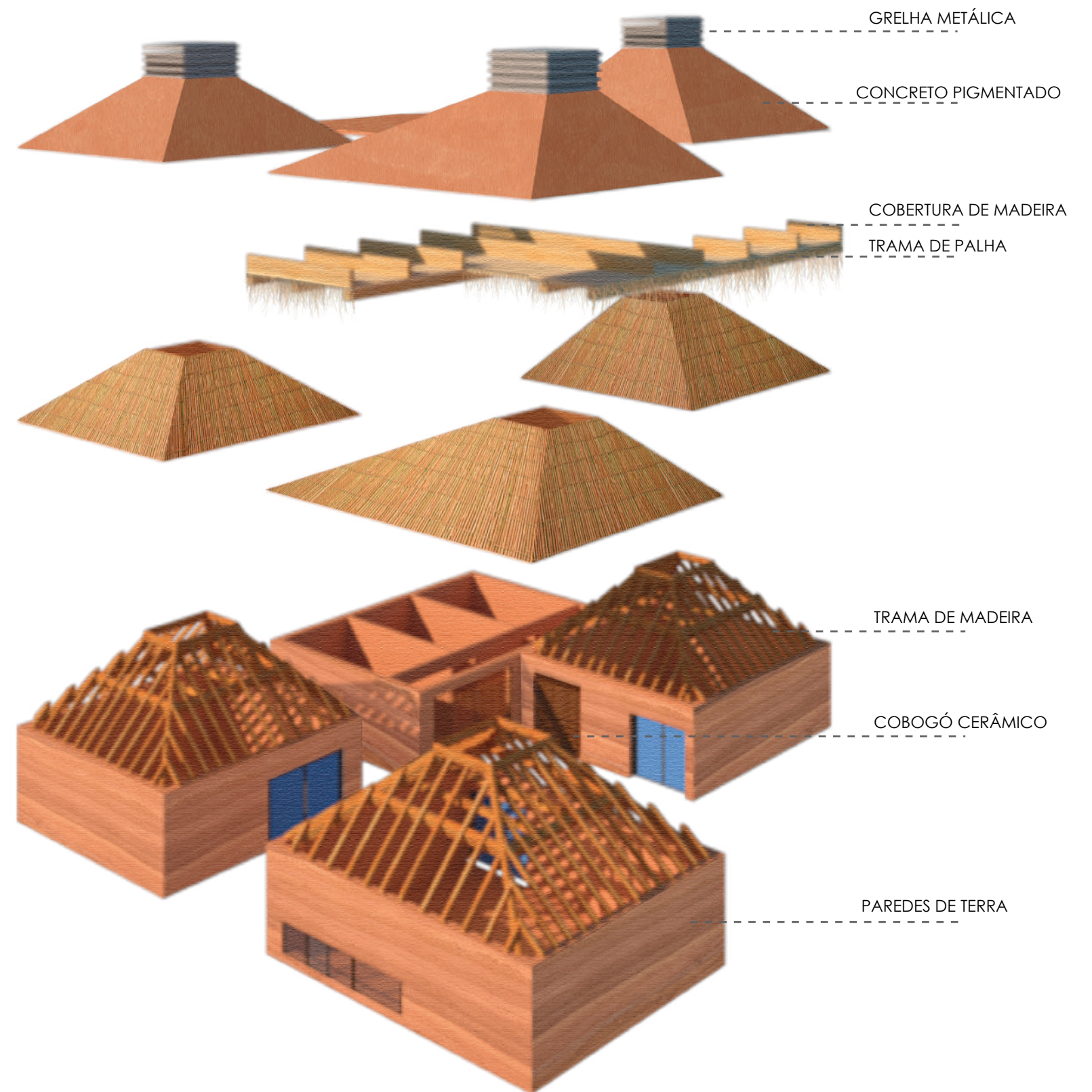


Vista externa

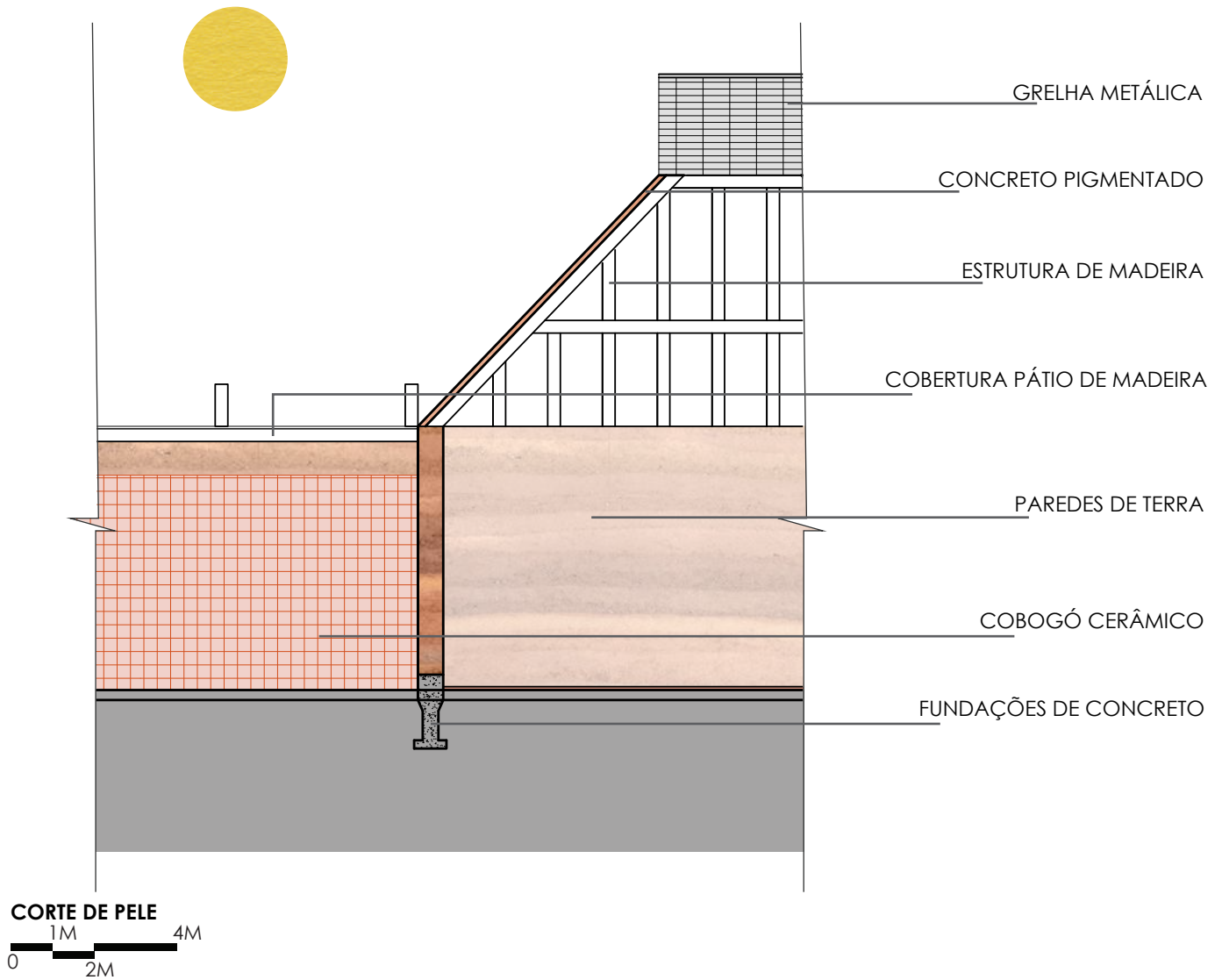


Vista entrada principal

MATERIALIDADE



MATERIALIDADE

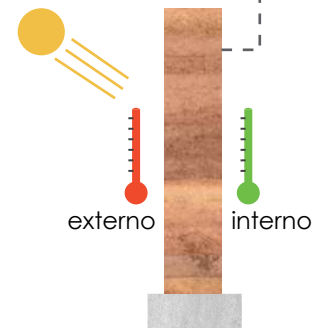
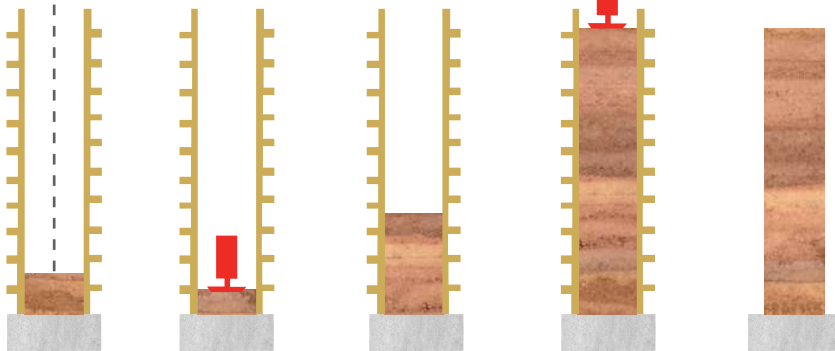


Mistura de Terra + 15% de cimento

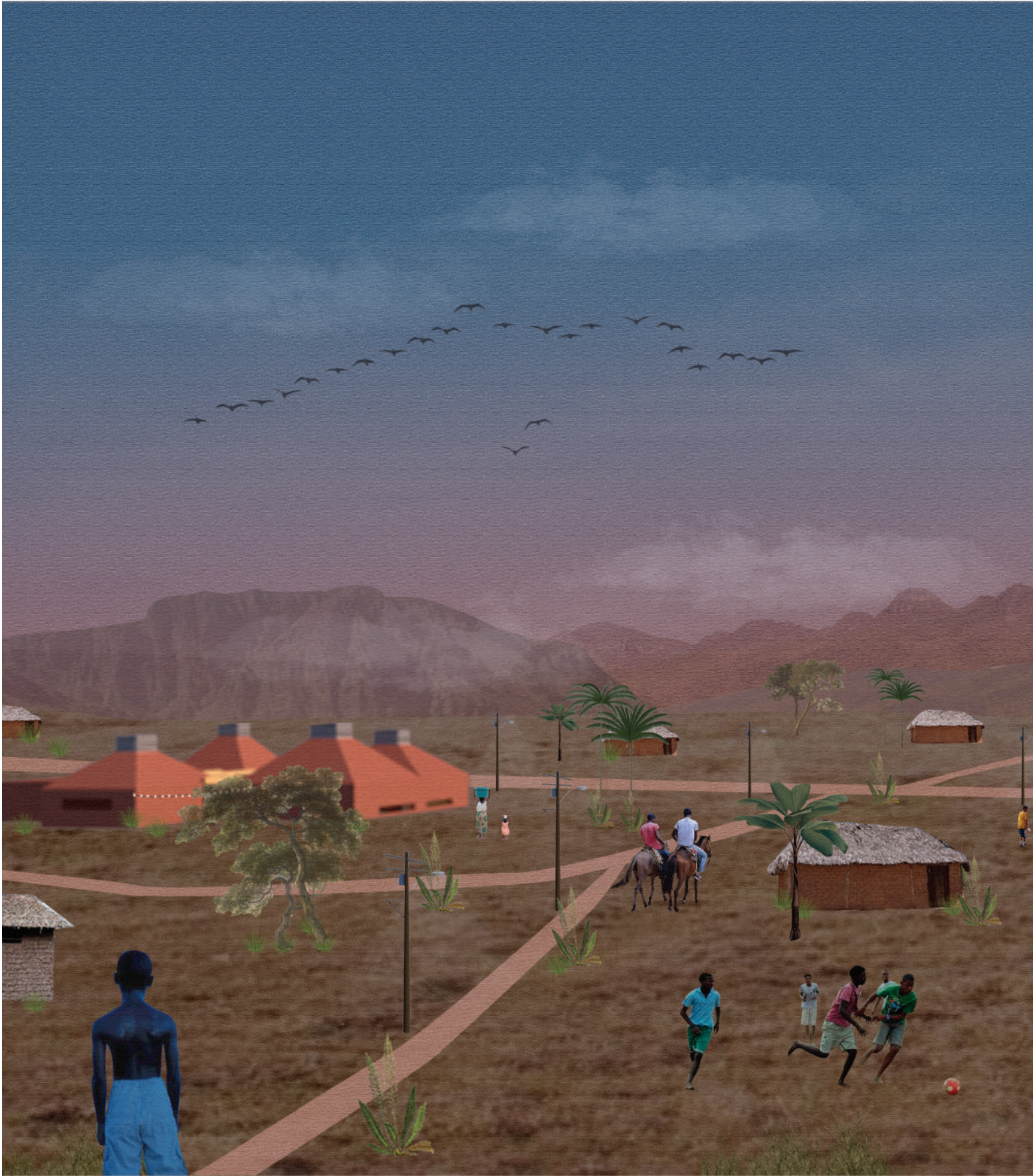
Formas de madeira

Compactador de solo

Paredes de terra absorvem o calor lentamente, e mantém a temperatura interna estável



PAREDES DE TERRA ESTABILIZADA





REFERÊNCIAS ←

BAIOCCHI, Mari de Nasaré, Kalunga: Povo da Terra, 3ª Edição

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL - MEC. Uma história do povo kalunga. SEF. 2001.

OLIVER, P. (ed). Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

WEIMER, G. Arquitetura Popular Brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA JÚNIOR, Augusto Rodrigues. Festejo Quilombola: o Kalunga, o Divino, o Verso. In ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

COSTA, V. S. A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga. Brasília, 2003. 75 p. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo). Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília

NASCIMENTO do, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro. Processo dum racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VIANNA, L. P. De invisíveis a protagonistas: comunidades tradicionais e unidades de conservação. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

PALACIN, L. O século do ouro em Goiás. 4. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PEREIRA, V. M. T. B. A herança da arquitetura africana nas comunidades quilombolas. São Paulo, 2011. 15 p. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo). UFES

SANTOS, Milton.; SILVEIRA, María Luisa. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo, Editora Record, 2001, 474 pp.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A: Rio de Janeiro, 2006.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Editora Ática, 1993.



OBRIGADA.

